

BOLETIM

DA

Associação dos Archeologos Portuguezes

BOLETIM

DA

ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

TOMO XII—5.^A SÉRIE—N.º 1

Proprietaria e editora, a Associação—Director, Gabriel Pereira.

BIBLIOTHECA

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Edifício Historico do Carmo



70 307

LISBOA

Typ. da Casa da Moeda e Papel Sellado

1910

leante Otanay

tāya

lney

A TENÇÃO DE D. DUARTE

no portico da entrada das «capellas imperfeitas» no mosteiro da Batalha

Uma interessantissima memoria publicada, em 1905, pela Ex.^{ma} senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, chamou a attenção dos estudiosos para certas inscrições gothicas, profusamente repetidas por entre os lavores do portico da entrada das «capellas imperfeitas», no mosteiro da Batalha.

Em principios do seculo XVII, tinha Fr. Luiz de Sousa dado curso a uma interpretação daquelles «oraculos sibyllinos», segundo a qual as palavras, alli tantas vezes repetidas, deveriam lêr-se *tanyas erey*, e significariam, na lingua grega: *buscae! inquiri novas regiões e climas*. E dava, o bom do frade, razão do seu asserto, demonstrando, por accusativos e imperativos, a *engenhosa* leitura.

Outros, depois d'elle (e entre estes alguns de boa fama), repetiram-lhe a heresia, introduzindo-lhe uma ou outra variante para deixarem bem affirmada a *competencia* com que entravam no assumpto.

Coube á Ex.^{ma} senhora D. Carolina Michaelis a gloria de iniciar a revolta contra o dogma assim estabelecido. E fê-lo de maneira brilhantissima, como devia esperar-se dos altos dotes do seu grande espirito. Foi sua ex.^a o Luthero d'esta pequenina Reforma. E se não conseguiu chegar á leitura cabal das *mysteriosas* inscrições—tarefa a que nem mesmo pretendeu propôr-se—nem por isso deixou compromettidos os seus credits de investigadora habilissima: admiravelmente os sustentou nas seguintes linhas, que resumem todo o seu trabalho:

«Uma fabula em lugar de uma demonstração? Bem o sei. Mas não se esqueçam de que opponho hypotheses *fundadas*, a hypotheses *infundadas*, e emendas e interpretações acreditaveis a emendas impossiveis».

A leitura suggerida pela distincta escriptora, tanto para as tres inscripções do alto do portico, como para as duzentas e quatro da sua restante ornamentação é *tenaz* ou *tanaz serei*; devendo attribuir-se á ignorancia ou ao analphabetismo dos canteiros a differença que se nota entre as letras destas duas palavras e as das inscripções alli esculpidas.

Pouco tempo depois, nova memoria appareceu sobre o mesmo assumpto: esta, do sr. general Brito Rebello, paleographo distincto e inçansavel pesquisador dos archivros nacionaes. Inseria um documento interessantissimo, por sua ex.^a encontrado, alguns annos antes, ná Torre do Tombo, e do qual tomara intelligente copia. É evidente desse documento ter sido a devisa de D. Duarte constituída por um ramo de hera, com o mote *tan que seray*, uma vez alli desfigurado para *tam que screy*.

Aproximando este mote daquelle que duzentas e quatro vezes se repete, por entre os ornatos do portico nas fórmas graphicas, inquestionaveis, *tāya serey* ou *tāyas erey*, o sr. Brito Rebello achou entre ambos perfeita conformidade, apenas alterada tambem por erro dos canteiros, os quaes, por confundirem os caracteres do texto, teriam tomado as letras *q u* ou *q u e* do mote original, pelo *y a* que alli representaram.

Quanto ás tres inscripções do alto do portico, *pantes taray* segundo D. Fr. Francisco de S. Luiz, que tambem as julgou gregas, ou *leaute taray* segundo um apontamento obtido pelo sr. Brito Rebello na livraria da casa de Cadaval, deveriam ellas constituir uma primeira parte, ainda inedita, da devisa do rei eloquente, e diriam *leauté ferai* ou *j'aurai*; se a ignorancia dos canteiros não as houvesse egualmente corrompido.

Assim, segundo o sr. Brito Rebello, a devisa seria franceza, e lèr-se-hia *Leauté j'aurai tant que serai*, como quem diz, em portuguez, *Serei leal* ou *guardarei lealdade em quanto existir*.

Era este o estado actual da questão quando, ha cerca de tres mezes, o meu bom amigo, sr. general Jayme Couvreur, teve a amabilidade de facilitar-me a leitura da memoria do sr. Brito Rebello, de que eu ainda não tivera noticia.

* *

Devisa, tenção e empreza são vocabulos que mais ou menos se equivalem, mas cujas differenças convém estabelecer.

A *devisa*, para ser completa—dizem os heraldistas francezes e, entre estes, de Magny, a quem particularmente me cinjo—deve ter corpo e alma; isto é, deve ser constituida por uma figura symbolica e um mote. O corpo é o objecto que fórma a relação, o termo de comparação; a alma, a sentença que a explica. *Devisa* sem corpo ou sem alma, *devisa nulla*. E como para uma comparação ser justa, seja necessario um termo de comparação maior que o objecto comparado, nas *devisas*—que são a comparação de um homem e de suas paixões, com um outro ser e com as paixões deste—o bom senso exige que o corpo seja maior e mais nobre do que o homem, isto é, que as paixões que movem e dominam o ser, tomado para termo de comparação, sejam nelle mais vigorosamente accentuadas do que o são no homem.

Havia *devisas* de familia, hereditarias portanto, e *devisas* pessoaes, que não eram transmittidas.

As *devisas* de familia tinham sentido e caracter geral: occorreme, para exemplo, a da illustre casa dos Castellos-Branços, formada pelo timbre do leão e pelo mote *Non indiget armis*, ou simplesmente pela letra *Strenuus non indiget armis*.

As *devisas* pessoaes tinham caracter e sentido particular: representavam os designios ou propositos do cavalleiro, as normas e aspirações de sua vida. D'ahi o chamar-se-lhes *emprezas*.

Tenção era a expressão verbal da *empreza*.

De certo principe, que tomasse por *devisa* particular, ou por *empreza*, uma pêga com uma fita no bico, e nessa fita o mote *pour bien*, diriamos ser provavel *tenção*: *Je dis tout pour bien*.

De outro, que adoptasse por *empreza* um pelicano com o mote *pela lei e pela grei*, diriamos ser provavel *tenção*: *Verterei meu sangue pela lei e pela grei*. Mas se, em lugar do pelicano, o symbolo desta *empreza* fosse um leão, a *tenção* equivaleria a *Combaterei pela lei e pela grei*.

Em todo o caso, como as palavras da tenção, correspondentes ao symbolo, não eram expressas, antes cuidadosamente se mantinham secretas, será sempre arriscado querer chegar a uma leitura definitiva quando não exista documento que a revele.

É certo—prova-o o interessante documento publicado pelo sr. Brito Rebello, repito—que a empresa de D. Duarte consistia num ramo de hera, acompanhado do mote *tan que serai*, palavras que, na lingua provençal—idioma favorito dos arautos do tempo—significam *emquanto eu existir*. A esta empresa correspondia uma tenção, cujo primeiro membro devia traduzir a idéa de *constancia, perseverança* ou *amisade*, contida no symbolo, e cujo segundo membro seria o proprio mote.

A interpretação dada pelo sr. Brito Rebello ao primeiro membro da tenção, pareceria, portanto, verdadeira ou mui proxima da verdade, se alguma das fórmulas—*leauté ferai* ou *leauté j'aurai*—fosse provavel ou sequer admissivel: para que o fosse, teria sua ex.^a de provar a existencia de *leauté* no provençal ou no francez antigo, idiomas em que jámais se encontrou tal vocabulo, e de explicar verosimilmente os motivos por que leu *ferai* ou *j'aurai* aonde apenas se encontra *taray*. O recurso ao analfabetismo ou á impericia dos canteiros não pode constituir, por si só, argumento de valor para demonstrar alterações tão sensiveis.

A interpretação dada, pelo mesmo senhor, ao segundo membro da tenção, pode justificar-se; com quanto eu não a siga.

*
* *

A ornamentação do soberbo portico, de que se trata, é exclusivamente composta de ramos de hera florida, cujos caules se enleiam e abraçam, centenares de vezes, em fórmula de nó duplo, daquella feição particular a que os arautos de França chamavam *lacs d'amour*. É exactamente nos dois espaços circulares comprehendidos em cada um destes *laços*, que se vêem as duzentas e quatro legendas que parecem responder ás tres do alto do portico, tambem inclusas em *laços* semelhantes áquelles, mas notavelmente maiores.

O symbolismo de taes ornatos fere, ao primeiro exame, a atten-

ção do observador, imprimindo-lhe no espirito a idéa da constancia, da fidelidade *conjugal*, nitidamente expressa na insistente associação do duplo nó com a ramagem d'hera. E esta impressão é recebida com tanto maior segurança, quanto é certo haver sido destinado aquelle recinto a ultimo jazigo do rei e da rainha.

Assim cheguei a concluir que a empreza do *tan que serai* não tinha uma significação geral, mas restricta; de que ella não affirmava em absoluto a idéa da fidelidade ou da lealdade; mas constituia tão sómente um voto, uma promessa de amor constante e perfeito... até á morte.

E digo ser verdadeira esta conclusão, porque as tres inscripções do alto, *leaute taray*, ou antes *leaute s taray* (se attendermos ao esguio *s* que se encontra no segmento determinado pela intersecção das duas curvas) claramente proclamam, em bom provençal, orthographicamente correcto, e sem sombra de duvida: *Leau te starai! leal te serei!*

A esta proclamação, vinda do alto do portico, respondem as legendas inferiores — tãya serey — não com o *tan que serai* do documento do sr. Brito Rebello (que alli seria impertinente e mal cabido), mas com *um novo mote* de fidelidade *eterna*, feliz equivoco do antigo em sua fórma graphica, que os echos occultos nos recessos das abobadas parecem repetir mil vezes, no mesmo velho romance: *Tau jaserai! assim jazerei!* ou *tal jazerei!* isto é: *perpetuamente a teu lado.*

Tomando facilmente o *u* por *n* (que substituiui pelo *til*), e vendo nas duas ultimas syllabas de *jaserai*, o portuguez *serei*, alterou o debuxador manuelino a transcripção deste segundo membro da tenção, que o velho e já obliterado plano lhe offerencia; não o fazendo por ser analphabeto, mas precisamente por saber lêr e por ter noticia da fórma graphica do mote de que D. Duarte primitivamente usara. O seu erro foi identico ao do sr. Brito Rebello, que tambem se deixou seduzir pelo seu documento, que aliás o é, e de alto valor probativo, para a identificação da primitiva empreza — *Leau te starai, tan que serai*, modificada, no portico da Batalha, para *Leau te starai, tau jaserai!*

E não se diga que recorro, sem fundamento, e por gratuito artificio á má comprehensão do *u* e sua substituição por *n* ou *til*. Nem eu precisava valer-me de tal recurso, quando bem poderia dispensal-o: quer adoptando a leitura *TAN jaserai*, na qual teria achado, a par de

uma construcção apenas ligeiramente viciosa, e de um conceito um pouco menos elegante, um accetavel fecho para uma tenção sepulcral; quer não enunciando a hypothese de um *novo mote*, e admittindo, portanto, para o segundo membro, a leitura do sr. Brito Rebello.

Lisboa 3 de Março de 1910.

G. L. SANTOS FERREIRA.

FEITOS D'ARMAS

DE

Bras Pessôa

Notas documentaes sobre a Campanha da Restauração
no Alemtejo, 1642-1659

Num documento curioso que me chega casualmente ás mãos, encontro uma serie de certidões e attestados dos serviços e feitos de armas das Campanhas da Restauração, na provincia do Alemtejo, em que entrou um bravo desconhecido, Bras Pessôa, natural da freguezia de S. Vicente (?) (diz o doc. XXIV) e que, de soldado raso, alistado em 1641, ascendeu até ao posto de tenente, em 1653.

Muito deslocada e descabida parecerá a publicação desta serie de documentos, no Boletim desta Associação de Archeologia, toda dedicada aos estudos pacificos e beneficos das sciencias e artes do passado. Mas por mais destoantes que o pareçam, estas certidões narrativas, subscriptas por nomes de generaes que a historia da independencia do nosso paiz consagrou no numero dos seus heroes; estes relatorios de feitos de armas, sempre tristes e de desagradavel leitura, sob o ponto de vista humanitario e pacifista, que deve presidir á moderna orientação dos espiritos, conteem inumeras noticias, autenticas e indubitaveis de pormenores daquella longa e memoravel campanha.

Alheio por completo a esta ordem de estudos, não me era facil

apreciar se sim ou não estes documentos encerram algo elucidativo sobre a historia militar daquella epocha; nem me permittiam as minhas occupações orientadas noutro rumo, ir apural-o.

Ácerca das campanhas da Restauração a bibliographia é extensissima. O meu amigo e illustrado consocio sr. Brito Aranha, no tomo XVIII do seu magnifico *Diccionario Bibliographico*, colligiu sob o titulo de—*Relações e outros papeis impressos publicados durante os reinados de D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II; em grande parte dos denominados das Campanhas da Restauração*, nada menos de 354 numeros ou especies, além dos já apontados por elle e por Innocencio nas 68 referencias que nos indica no mesmo logar. (1)

Em 1905, o livreiro Pereira da Silva publicou e distribuiu um interessante catalogo, que intitulou—*«de uma curiosa Miscellanea e de uma riquissima colleccão de obras sobre a dominação dos Phelippes e guerras da Independencia—raridades bibliographicas»*—comprehendendo nada menos de 902 especies bibliographicas.

Entre a resolução de deixar esquecidos estes documentos inéditos relativos a um soldado valoroso, cujos herdeiros, ao que parece, desejavam impetrar del-rei uma pensão ou mercê qualquer, a titulo de recompensa dos serviços do fallecido, e a de os publicar desacompanhados de outras elucidações, que me seria impossivel procurar, adoptei sem hesitar a ultima.

Notei com certa surpresa que estes attestados são formulados por uma norma identica de redacção, e apesar de escriptos por letras e com tintas mui differentes, e de terem as assignaturas autographas de diversos generaes e officiaes do exercito, custa a comprehender como aquelle soldado ou seus herdeiros os obtiveram, referindo-se todos elles já a uma mercê, a cuja concessão pareciam visar. Da redacção de alguns parece entender-se que fôram passados mui posteriormente á data que nelles se lê, não sendo facil porem acreditar como isto poderia succeder.

Seja como fôr, os curiosos documentos esclarecerão porventura algumas minucias da campanha, e nelles vêmos os nomes dos capitães portuguezes, como João de Saldanha da Gama, Aires de Saldanha, Martim de Mello, Conde S. Lourenço, Dom Rodrigo de Castro, Francisco de Mello, Mathias de Albuquerque, André de Albuquerque Ri-

(1) *Diccionario bibliographico*, tomo XVIII, pag. 174 a 239.

bafria, Affonso Furtado de Mendonça, D. João da Costa, Conde de Soure, e de alguns officiaes estrangeiros como Lamorlaye e Tamarcourt, e em todos os pormenores nelles narrados contém-se factos passados em Elvas, Badajoz, Arronches, etc.

Permitta-se-me, que ajunte — como profano em assumptos militares — esta pequena pedra ao já tão farto material que a imprensa tem dado á estampa, ácerca dos feitos de armas dos portuguezes naquella extensa e patriótica campanha da Restauração, ou melhor diremos, da Independencia.

Eis os documentos:

I

(16 de Janeiro de 1642)

João de Saldanha da Gama, fidalgo da casa del-rey noso senhor, capitão de Cauillos e de Courasas por sua Mag.^{de} etc. Certifico q̄ na occasiam do socoro de Olivemsa q̄ o inimigo cometeo per antepreza aos desasete de Setembro e levantou o sitio ao outro dia com as comp.^{as} de Cavallo com o generall Martim A.^o de Mello, e assim mesmo q̄ na ocazião em q̄ o mesmo generall Resolveo a vinte e oito do mez de outubro acometer a villa de Valverde, prasa do inimigo fronteira á nosa dolivemsa acompanhado de toda a infantaria e Cavalaria q̄ lhe pareceo necessaria p.^a a dita empreza, indo eu com a minha Comp.^a de vanguarda, a manhã que chegámos a vista da prasa deramos com quatro comp.^{as} e mais duas tropas q̄ o innemigo deitou fora de suas fortificações; as esperamos, as quais fizemos recolher dezordenadamente, matando-lhe e ferindo-lhe m.^{ta} gente até iunto ás suas trincheiras q̄ depois cometeo a infantaria; nesta ocazião me acompanhou Bras pesoa soldado da minha comp.^a obedecendo a tudo q̄ seus maiores lhe ordenavam; asy o tenho per merecedor de toda a m.^{ca} e honra q̄ sua Mag.^{de} for servido fazer-lhe, o q̄ tudo passo na verdade pello juramento dos Santos evangelhos e por me ser pedida a presente a pasei per mim asinada e sellada com o sello de minhas armas; dada nesta fronteira de Campo-maior, oie desaseis de ianeiro de 642 annos.

Sello em obreia (assignado) *J.^o de Sald.^a da Gama.*

II

(18 de Abril de 1642)

Miguel Nunes da Maia, tenente da comp.^a do capitão João de Saldanha da Gama capitão de cavallo e courasas por sua mag.^{de} &. Certifico q̄ resolvendo o m.^{tas} de campo aires de Saldanha dalbuquerque mandar fazer hua entrada ao inimigo ordenou que a 24 do mes de Abril fossemos duzentos de caualo e quatrocentos infantes ao termo da villa dalbuquerque, donde ficou a infantaria emboscada em ser-to posto, hũ quarto de legoa da dita villa, e nós nos metemos mais quatro legoas a dentro em o Reino de Castela em hũ posto q̄ tem por nome o quarto de Santiago, donde trouxemos m.¹⁰ gado vacum e m.^{tas} caualgaduras e castelhanos cativos, e vindo-nos recolhendo cõ a presa asima dita nos derão os nosos corredores notiçia q̄ o inimigo com tres tropas de cavallo nos esperava á passagem do caminho, acompanhado de algũa infantaria, e sendo nos sabedores de sua entrada o fomos buscando cõ o valor q̄ os portuguezes costumão a ter em semelhantes ocaziões, e vendo elle nosa determinação se foi recolhendo cõ mais presa do q̄ veio, e nos viemos a esta prasa de campo mayor domde me acompanhou bras pessoa soldado da dita Companhia, assistindo ao q̄ o seu maior lhe ordeñava e assim o julgo por merecedor de toda a m.^{ed} e onra q̄ sua mag.^{de} fôr servido fazer-lhe e por asi passar na verdade o juro aos santos evangelhos e per me ser pedida lha pasei firmada de minha mão, dada nesta fronteira de Campo mayor oje 18 do mez de Abril de 1642 annos. O tenente (a) Miguel Nunes da maya.—Aires de Saldanha d'albuquerque.

III

(25 de Abril de 1642)

Miguel Nunes da Maya, tenente do capitão João de Saldanha da gama capitão de cavalos e courasas por sua mag.^{de} &. Certifico q̄ sabendo o generall Martim a.^o de Mello como os castelhanos da villa da vidig.^a cõ sua caval.^{ia} fazião suas entradas em o termo da villa de arronches, detriminando vingar-se deles, ordenou q̄ com a minha comp.^a marchase a 23 de abril p.^a a prasa delvas, onde elle assistia, p.^a dahi o

dia seg.^{te} com a cavaleria e infantaria ã lhe pareceo nes.^{ta} p.^{ra} a dita empreza marchou p.^{ra} a villa de arronches, domde a 25 do dito mez, mandou ás sinco da tarde marchasemos á villa da vidigueira, prasa do inimigo, domde fomos chegados as seis da manhã, ã forão a 26 do mez asima; a dita villa sendo cercada de toda a caval.^{ria} e investida da infantaria, asi saqueada e queimada, e por a dita villa ter hũ castello m.^{to} forte domde se recolheo a mais gente inimiga e da nosa não haver pesas p.^{ra} a poder combater e o t.^{po} ser emtão m.^{to} aspero e chuvoso mandou o general nos recolhesemos á villa de arronches aomde trouxemos quarenta e tantos cativos e algũs mortos; nesta ocazião me acompanhou bras pesoa soldado da minha comp.^{nia} obedecendo como valeroso soldado p.^{ra} ã o julgo ser meresedor de toda a mercê e honra ã sua mag.^{de} for servido fazer-lhe; he por asi pasar na verdade o juro aos santos evangelhos e per me ser pedida a prez.^{ta} lha passei por minha mão nesta fronteira de campo maior, aos vinte e nove do mez de abril de mil e seiscentos e quarenta e dois annos. O tenente (a) Miguel Nunes Maia.—Aires de Saldanha d'albuquerque.

IV

(11 de Junho de 1642)

Miguel Nunes da maia tenente da comp.^{nia} de J.^o de Saldanha da Gama, capitão de cavalos e courasas, por sua mag.^{de}. Certifico ã resolvendo o m.^{to} de campo aires de saldanha d'albuquerque a 4 de junho fazer hũa entrada em castela ordenou que com 100 homẽs de cavalo fossemos a hũ posto ã chamão os campos de Goadiana, entrando 3 legoas por Castela chegamos a tiro de pesa de Badajos, praça do inimigo, donde lhe trouxémos m.^{tas} cavalgaduras e lhe matamos m.^{ta} gente e captivamos 25; e vindo-nos recolhendonos sahio o inimigo cõ duas tropas de cavalos cõ os quais viemos escaramusando e tirando m.^{tos} tiros e lhe matamos algũs homẽs e cavalos sem dos nosos auer perda, deixando o campo livre nos viemos retirando a nosa prasa de campo maior com a dita presa; nesta ocazião me acompanhou Bras pesoa sold.^o da dita comp.^{nia} obedecendo as ordens ã seus maiores lhe ordenavão, fazendo e prosedendo como valeroso e omrado soldado e asi o julgo merecedor de toda a m.^{ca} ã sua mag.^{de} fôr servido fazer-lhe; he por tudo pasar na verdade o juro plo juram.^{to} dos s.^{tos} evangelhos e por me ser

pedida lha dei firmada de minha mão em campo maior a 11 de junho de 1642 annos.—O tenente (a) Miguel Nunes da maya—Aires de Saldanha d'albuquerque.

V

(6 de Abril de 1643)

Miguel Nunes da maya, ten.^{te} da comp.^a de João de Saldanha da Gama capitão de cavalos e couraças per sua Mag.^{de} etc.

Certifico que mandando o mestre de campo general joane mendes de vasconcellos, algũa cavallaria da cidade delvas a esta prasa de campo maior p.^a se encorporar com a que nesta prassa assiste, e saindo della, aos nove dias de fev.^{ro} as dez oras da noite ha ordem de hun coronel frances, nos fomos emboscar junto a villar delrey, prassa do inimigo, e ás seis oras da manhan mandamos alguns coredores tocar larma ao inimigo junto ás suas trincheiras, domde sahio correndo com a sua cavalaria, a pelejar com a nossa e ella se veio retirando, e peleiando com elles até ã os trouxerão junto á nossa emboscada, domde nos avansamos a elles com tanto esforsso ã durando a pendencia hũ largo espasso, e os puzemos em fugida com perda de m.^{ta} gente ã lhe matamos, assy de pee como de cavallo, e lhe trouxemos m.^{tos} prison.^{ros} entre os quaes vinha hũ alferes e dois sargentos e alguns cavalos, e armas, e outros despojos, e aos que ficarão os fomos seguindo até os meter dentro nas suas fortificações, e nesta ocasião me acompanhou bras pesoa soldado da minha comp.^a o qual vi proceder em tudo como valente e honrado soldado pelo ã he meresedor ã vossa Mag.^{de} o honre e lhe fassa toda a mercê que for servido, e tudo o referido nesta passa na verdade pelo juram.^{to} dos santos evangelhos, a qual mandei passar a seu pedim.^{to} e vay per mi assignada em campo maior aos seis dias do mes dabrill de 643 annos. O tenente (a) Miguel nunez da maya.

VI

(28 de Julho de 1643)

João de saldanha da Gama, capitam de cavalos e couraças per sua Mag.^{po} etc.

Certifico ã tendo auiso o mestre de campo Aires de Saldanha de Albuquerque G.^{or} desta praça de Campo maior, ã da V.^a de Ouguella tinham saido a fazer hua presa vinte soldados de hũa companhia de cavalos ã na dita praça assiste, em onze de julho foram sentidos da v.^a de Albuquerque praça do inimigo, e lhe mandaram armar algũas emboscadas pellos postos por onde se aviam de retirar: o ã chegando á noticia do Mestre de Campo por alguns estrangeiros ã de lá se nos passaram ordenou, em doze do dito mez, que marchasse com a minha companhia, e a de mais cavallaria olandeza, ã na dita praça estava á minha ordem, ã tudo chegava a duzentos e sincoenta cavallos, e fõsse a V.^a de Albuquerque, e ã armando algũas emboscadas e tocando arma, visse se podiamos divertir o inimigo de esperar os nossos, e indo marchando p.^a o luguar donde se avia de fazer a emboscada ao chegar a elle e sendo já no quarta dalva ao passar por entre huns mattos demos em hũa das que o inimigo tinha armadas, em ã estavam cem mosqueteiros, os quais nos deram hũa carga, com ã feriram alguns dos nossos; mas melhorando nós p.^a hum campo ã estava junto delles, fizemos alto até ã amanhecesse para reconhecer a campanha e o poder ã tinham, para conforme a isso nos resolvermos no ã se devia fazer; e tanto ã amanheceo, reconhecendo ã se auiam retirado a hun monte ã chamam o serro gordo, meia legua alem da sua praça, me resolvi inuestilos, e repartindo a cavallaria por duas partes, os acometemos juntamente em hũ tempo, e atacando a pelleja depois de recebermos algũas cargas, os rompemos e degollamos todos, ficando somente vinte e nove prision.^{os} em ã entravam tres capitães, dous alferezes, e hum sargento, sem da nossa parte milagrosamente morrer mais ã hum olandez, e ficaram tres feridos, e alguns cavallos, com ã nos viemos recolhendo a esta praça de Campo Maior, sempre a vista do inimigo, trazendo-lhe m.^{tos} despojos e armas, sem nunca ousarem a acometternos.

Nesta occasiam me acompanhou Bras Pessoa, soldado da minha companhia, procedendo em tudo com o valor, e obediencia ã delle se esperava, pelo ã o julgo por merecedor de toda a honra e m.^{ca} que sua Mag.^{de} for servido fazer-lhe. E por me ser pedida a presente, e passar na verdade, juro pello juramento dos santos Evangelhos, e lhe dei esta por mim assinada e sellada com o sinete de minhas armas Campo Maior de Julho 28 de 643.—(assignado) J.^o de Saldanha da Gama (*Sinete das armas, em obreia.*)

VII

(2 de Agosto de 1643)

Miguel Nunes da maya, Tenente da comp.^a de João de Saldanha da Gama capitão de cavallos e courasas, por sua Mag.^d etc.

Certifico que a vinte e sete do mez de março veio o inimigo com o seu poder de cavalaria, e algũa infant.^a á vista desta praça de Campo maior ao amanhecer, correndo a companhia, ordenou Dom Rodrigo de Castro, Tenente general da cavalr.^a ã no dito tempo governava esta praça, ã saise a cavalaria e Infanteria ã nella assistia, e mandando alguns corretores a reconhecer o poder do inimigo, porq.^o conforme a isso se resolve se no que se devia fazer; e tendo vista do poder que era, fez alto, porquanto o nosso era m.^{to} inferior ao do inimigo; e mandando as escoadras pelejar com elles pera os deter, té ã cheguasse a caval.^a da cidade de Eluas, ã se tinha mandado buscar, e tendo o inimigo já junto á noite vista della, se foi retirando, indo os nossos batidores sempre escaramusando com elles, té os metermos nas suas terras, deixando no campo alguns soldados mortos sem da nossa parte aver perda algũa; nesta ocasião me acompanhou Bras pessoa soldado da minha comp.^a prosedendo em tudo o ã se lhe ordenou com o valor e obediencia que delle se esperava; pello que o julgo merecedor de toda a m.^{ca} e honra que Sua Mag.^{de} for servido fazer-lhe, e por me ser pedida a presente lha mandei passar por mim asinada, o ã juro passar na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos; dada em Campo Maior aos dous de Agosto de seiscentos e quarenta e tres annos. —O Tenente Miguel Nunez da maia.—Don R.^o de Castro.

VIII

(3 de Agosto de 1643)

Miguel Nunes da Maia, Tenente da Companhia de João de Saldanha da Gama, capitão de cavalos e couraças por sua Mag.^{de} etc.—Certifico que resolvendo o mestre de campo general Joanne Mendes de Vasconcelos fazer hũa emboscada aos castelhanos de Albuquerque, mandou algũa cavalaria da Praça de Eluas adonde elle assistia a esta de Campo Maior pera se emcorporar com a que nesta praça assiste,

a qual então governava Dom Rodrigo de Castro tenente general de cavalaria, e saindo desta praça as des horas da noite aos seis dias de do mez de Abril, nos fomos emboscar junto da mesma praça de Albuquerque e as seis da manhã mandamos alguns corredores tocar arma ao inimigo, trazendo-lhe o gado q̃ tinha de baxo de suas muralhas, e saindo os castelhanos ao rebate traueamos hũa escaramusa mui sentida q̃ durou hum bom espaso de tempo, na qual lhe matamos e ferimos mais de sincoenta castelhanos, entre os quais lhe captivamos o seu capitão de cavalos Dom João de Caruajal e seu Alferes e furriel, q̃ todos trouxemos a esta praça com outros muitos prizioneiros, e o seu tenente lhe matamos na escaramuça, e lhe tomamos m.^{tos} cauallos e armas, tudo sem da nossa parte auer perda algũa; nesta ocasião me acompanhou Bras Pessoa, soldado da minha companhia, porsedendo em tudo o q̃ se lhe ordenou com todo o animo e valor necesario, como honrado soldado, pello q̃ o julgo por merecedor de toda a m. q̃ sua Mag.^{de} for servido fazer-lhe, o q̃ juro pello juramento dos santos evangelhos pasar tudo na verdade, de q̃ lhe dei esta por mim Asinada nesta praça de campo maior aos tres de agosto de seis centos e quarenta e tres. Anno J. C. O tenente (assignado) Miguel Nunes da Maia.—Dom R.^o de Castro.

IX

(30 de Setembro de 1643)

João de Saldanha da Gama capitão de cavalos e couraças p. sua mag.^{de} etc.

Certifico q̃ aos cinco dias do mez de Set.^o de 643, me mandarão q̃ marchase cõ a minha comp.^a a sidade deluas domde saimos cõ o exercito de sua mag.^{de} e marchamos na volta de valverde, o qual se rendeo dentro de tres dias e depois de queimado e arasado se foi pôr o noso exercito sobre a cidade de badajos praça de armas do inimigo onde estivemos oito dias, e dahi levantando-se o exercito p.^a camppear plas terras do inimigo mandou o g.^{or} das armas hũ troso de caval.^a e de infantaria queimar e arasar e saquear os lugares de albufeira e o da Torre, e almendral, o q̃ tudo fizemos sem achar resistencia e indo nos ajuntar outra uez cõ o noso exercito nos fomos por sobre a villa de alcomchel a qual se nos Rendeo dentro em seis dias e depois de

aprizidiarmos mandou o g.^{or} das armas ao tenente g.^{al} da caval.^a cõ hũ troso delle que fose a villa da fig.^a de vargas, a coal se Rendeo em nos uendo, e depois de a queimar e saquear nos Recolhemos ao noso Exercito ã foi sobre villa noua delfresno e sen embargo de hũ groso prizidio ã tinha dentro se nos Rendeu dentro de oito dias cõ ã depois de apresidiarmos nos Recolhemos sendo m.^{io} o danno ã se fez ao inimigo; e em todas estas ocazioẽs me acõpanhou sempre bras pesoa, soldado da minha comp.^a e a todas as'mais ã convinha ao serv.^o de sua mag.^{de} goardando em tudo as ordens ã os seus maiores lhe ordenauão cõ o ualor e obediencia ã nele ha plo ã o julgo meresedor de toda a m. e onra ã sua mag.^{de} for servido fazer-lhe o ã juro pasar asi na verdade plo juram.^{to} dos santos evangelhos e por me ser pedida a prez.^{to} ha mandei pasar asinada de meu nome e selada com o sinal de minhas armas oje 30 de Setbr.^o de 643 annos. (Sello em branco, sobre obreia) (assignados) João Saldanha da Gama.—(Outra assignatura ã parece ser Franc.^o de Mello).

X

(15 de Outubro de 1643)

Domingos da Ponte, Ajudante da Cavalaria da Prouincia do Alenteio por s. mg.^{de} &.^a

Certifico ã sendo em doze de set.^o de seizcentos e quarenta e tres annos, e estando o noso Ex.^{to} na uilla de Valuerde praça de Castela cõ bateria, me ordenou o general da Caualaria francisquo de Mello, Moitt.^{ro} mór de Reino, fosse cõ trinta caualos escolhidos das tropas a tomar lingoa a Badajos e tomando-a me vinha retirando com ella nos sahio o inimiguo as vinhas de badajos com huma tropa de quarenta cavalos, E me investio, E nos a elles á espada, e em breve tempo os derrotamos e lhe matamos m.^{tos} e outros prizioneyros, e lhe trouxemos dezaceis caualos e Armas e outros despojos de guerra e nesta ocazião me acompanhou Bras pessoa soldado do Cap.^m João de Saldanha procedendo cõ muito valor e zello e asim o julguo por merecedor de toda a hourra e m.^{os} ã s. mg.^{de} for servido fazer-lhe e por me ser pedida a presente lha pasey por mim asinada e sellada cõ o signette de minhas armas o ã tudo Juro passar na uerdade pello juramento dos Santos evangelhos dada em oliv.^{ca} quinze de out.^o de seiz centos e quarenta e trez annos. (assignatura)—Domingos da Ponte—(sello em obreia).

XI

(15 de Setembro de 1644)

fernão martins dayala, Alferes da Comp.^a que foi do Capp.^{ão} de Cavallos e coirassas João de Saldanha da gama, por sua mag.^{de}—

Certifiquo q̃ resolvendo o g.^o Mathias de Albuquerque faser hũa entrada em as terras de Castella com infantr.^a e cavallr.^a destas fronteiras q̃ lhe pareceo mais comveniente em esta praça de Caõpo maior marchando em desanove de maio deste presente anno, as villas de Villar de rei, Almacanete, Pouoa e Montijo as quais rendemos a força d'armas, tomando-lhe m.^{tos} despoios, na qual façção gastamos oito dias no fim dos quaes vindo nos recolhendo a nossas prassas, dia de Corpo de D.^s, nos sahio o inimigo nos caõpos de montijo e Pouoa com poder de tres mil cavallos e sete mil infantes, o q̃ vendo o nosso g.^o seu designio lhe presentou batalha e jugando sua e nossa artl.^{as} com escaramuças travadas, q̃ vendo o inimigo o mt.^o damno que recebia nos investio e travandonos hũs com outros ouve o destroço q̃ he notorio, e pondo nós em fugida ao inimigo, dispois da Comp.^a derrotada do inimigo, o qual suposto q̃ se avia ido entendendo que seguião ao inimigo, e uendo que ella se retiraua, o não quis elle fazer voltando ontraves ao nosso exercito, chamando a algũs a q̃ me acompanhassem; nesta ocasião se ofereceo Bras pessoa, soldado da ditta Comp.^a, adonde achamos vitoria, dando sobre o inimigo q̃ destroçado se pos em fugida fiquando o caõpo cheio de mortos, armas e cauallos e nos srs. delles, e em tudo me acompanhon athé que nos retiramos, com todo o exercito á praça de Caõpo Maior, fazendo sua obrigação como valente soldado e assim o julgo ser merecedor de toda a honrra e m.^{co} q̃ sua mg.^{de} for servido fazer-lhe, o q̃ juro aos santos evangelhos passar tudo na uerdade e por me pedir a presente lha mandei passar assinada e sellada eom o signete de minhas armas. Caõpo Maior, em 15 de 7^{bro} de 1644. (assignados)—O Conde de Soure (logar de un sello em obreia).—

Fernão M. de ayala.—

XII

(8 de Novembro de 1646)

fernão M̃iz de Ayala, Caualeiro do habito de Santiago, Thenente

da Comp.^a de Cauillos e couraças de ã foi Capitão M.^{el} da Guama Lobo, por sua mag.^e

Certifico que saindo em campanha o noso exercito em treze de setembro deste prez.^{lo} anno de seiscentos e quarenta e seis foi sobre o forte de Thelena (?) o qual em hun dia Rendemos com dozentos e sincoenta homens escolhidos pera o defender, duas pessas de art.^a e muitas moniçõins e petrechos de guerra, estando o seu exercito defronte do noso, e dispois de arasado com minas ã lhe fizemos nos Retiramos e seguindo nos o inimigo, ao passar da Ribeira chocou cõ a nossa retaguarda e de tal sorte os Rebatemos que com notauel perda se retirou e ficamos pelejando com a art.^a das des da menham até as seis da tarde de ã recebeo grande danno; a tudo isto me acompanhou Bras pessoa, o cabo de escoadra da minha comp.^a e até se recolher o exercito, em trinta e hun de outubro do mesmo anno, procedeo sempre com m.^{lo} valor e animo pelo ã he merecedor de toda m.^{oe} que sua mag.^{de} lhe fizer, e por me matarem nesta ocazião o meu capitão e me pedir a presente lha pasei por mim asinada e selada com o signete de minhas armas tudo passar na verdade pelo juram.^{to} dos santos evangelhos em campo maior aos oito de novembro de seis centos e quarenta e seis annos; desta ocazião saio ferido o ditto cabo de escoadra, de hũa pelourada do inimigo. Dia mez e anno ut supra. Sello em branco obliterado. (assignado) fernão Miz de Ayala.

XIII

(10 de novembro de 1646)

fernão Miz de Ayala, etc., (como acima).

Certifico ã saindo o inimigo a campanha em vinte e hun de outubro de seiscentos e quarenta e cinco mandou o g.^{or} das armas que a minha comp.^a fosse pera Eluas a encorporarse com a demais cavalaria deste exercito, o ã fiz achandome em todas as ocaziõens ã se oferecerão assi de guardas, combois, como de peleja, como foi no primeiro dia de novembro em ã o Thenente g.^{al} e governador da Cavalaria Dom Rodriguo de Castro tomou o Comboi ã hia pera o exercito do inimigo e lhe foi fugindo a sua Cavalaria pelejando com ella sem da nosa gente aver perda algũa, como foi tambem na saida do noso exercito até se recolher; a tudo isto me acompanhou Bras pessoa cabo

de esquadra da minha comp.^a procedendo sempre com m.^{to} valor q.^e de tam honrrado soldado se esperaua pelo ã he merecedor de toda a m.^{ce} que sua mag.^{de} for servido fazerlhe; tudo pasa na uerdade pelo juram.^{to} dos santos Evangelhos e por o meu capitão ser morto e me ser pedida a presente lha mandei passar por min asinada e selada com o signete de minhas armas. Em Campo Maior, aos dez de nouembro de seiscentos e quarenta e seis annos. (*sinete*), (*assignado*) Fernão Miz de Ayala.

XIV

(10 de novembro de 1646)

Fernão Miz de Ayala, etc., (*como acima*).

Certifico ã em 15 de maio deste presente anno de seiscentos e quarenta e cinco annos veio o inimigo com vinte cavallos a esta praça de Campo Maior fazer hũa Corredoria, leuando os guados della, lhe saimos a impedir com parte da minha comp.^a e lhe fiz larguar a preza e reconhecendo hũa emboscada que me tinha feito com tres tropas de cavallos, os investi á espada, com cincoenta soldados e os Rompi matando-lhe e ferindo-lhe alguns e Cativando-lhe quatro e dous tenentes e os mais se puzerão em fugida e os não seguimos mais por se fazer noute, sem da minha comp.^a auer perda algũa; nesta ocazião me acompanhou Bras Pessoa cabo de esquadra da minha Comp.^a procedendo nella com m.^{to} valor pelo ã he merecedor de toda a m.^{ce} ã sua mag.^{de} for servido fazer-lhe, tudo paso na verd.^e pelo juram.^{to} dos S.^{tos} evangelhos, e por o meu capitão ser morto e me ser pedida a presente lha mandei passar por min asinada e selada com o signete de minhas armas; em Campo Maior aos 10 de novembro de seiscentos e quarenta e seis annos. (*sinete*) (a) Fernão Miz d'Ayala.

XV

(10 de novembro de 1646)

Fernão Miz de Ayala, etc., (*como acima*).

Certifico ã em dezanoue de novembro de seis centos e quarenta e cinco annos fui de guarda com a minha comp.^a fora dos Olivais da praça de Eluas estando o inimigo com o seu exercito á vista e deri-

bando a atalaia da torrinha da dita praça aonde pelejei com duas companhias suas, do meio dia athe as sinco da tarde, aos clavinazos e algũas vezes a espada, em ã lhe matei algũa gente e lhe feri, sem da minha parte auer mais perda que de hum soldado e retirando-se o exercito para badajos fui descubriendo a nossa companhia hũa leguoa desta praça; nesta ocazião me acompanhou Bras pessoa cabo de escodra da minha Comp.^a fazendo sua obriguacão em tudo o ã lhe ordenavam como de tal honrrado soldado se esperava; tudo o asima ditto passo na uerdade pelo juram.^{to} dos santos evangelhos e por o meu Capitão ser morto e me pedir a presente o julgo por merecedor de toda a m.^{oe} ã sua mag.^{do} for servido fazer-lhe e lha mandei passar per mim asinada e selada com o signete das minhas armas. Em Campo Maior aos dez de novembro de seis centos e quarenta e seis annos. (Sinete) (a) Fernão Miz D'Ayala.

XVI

(11 de abril de 1647)

Henrique de Fig.^{do} de Souza, Capitão de Cauillos e couraças por por S. Mg.^{de}

Certifico ã em vinte nove de março do presente anno de seiscentos e quarenta e sete ordenou o g.^{or} da art.^a Andre de Albuquerque Ribafria, que neste tempo governaua as armas desta prouincia, ao Capitão Henriç Lamorele (1) que com sento e sincoenta cauillos marchasse a villa de Albuquerque e mandando-lhe tocar arma e rebate, nos saio a caualaria ã na ditta praça assistia, a qual investimos com a minha Comp.^a que lhe tocava a vanguarda; e os derotamos e puzemos em fugida e se lhe tomarão prizioneiros e hũn tenente que por cabo vinha, e outro ã ficou morto na campanha e vinte e tres cavallos e m.^{tos} prizioneiros; nesta ocazião me acompanhou Bras Pesca Cabo de escodra da minha Comp.^a e se ouvé na ocazião como honrrado sol-

(1) É por certo Henrique de Lamorlaye, que nos documentos officiaes apparece escripto H. de Lamorlé ou Lamorlet, e ao qual se refere a *Historia do exercito portuguez*, Provas, vol. II, a pag. 181, falando da emboscada por elle armada ao inimigo em Albuquerque em 1647, feito de armas ao qual parece referir-se este nosso documento XVI. Lamorlé morreu em 1649.—Vide *Provas*, vol. IV, pg. 101 e 102.

dado pello q̃ he merecedor de toda a m.^{ca} q̃ Sua Mag.^{de} for servido fazer-lhe; tudo passo na verdade pelo juram.^{to} dos sanctos evangelhos e a seu pedim.^{to} lhe mandei passar a presente por min assinada e selada com o signete de minhas armas; em Campo Maior aos onze de abril de seis centos e quarenta e sete annos. (*Sinete de armas, em obreia*) (aa) Fran.^{co} de Fig.^{do}—André dalbuquerque.

XVII

(13 de abril de 1648)

Henrique de Fig.^{do} de Souza, etc. (*como acima*).

Certifico q̃ Resolvendo o conde de S. Lourenço g.^{or} das Armas desta provincia do Alentejo tirar a Snõra Condessa da feira cõ seus dous filhos da cidade de truxilho, aonde estavão detidos em poder do inimigo, me hordenou nomeasse alguns soldados e cabo suficiente p.^a esta fauçãõ; nomeei a Ignacio Correa fortes Alferes da minha Comp.^a pera q̃ com treze soldados da mesma fosse fazer a dita fauçãõ e tirar a Snõra Condessa do poder do inimigo deixando em sua disposição e valor o aserto desta empreza o q̃ o ditto Alferes fez trazendo a Srã. Condessa e seus dous filhos sem risco algum a este Reino de portugal; nesta ocazião foi nomeado o cabo de escodra bras pessoa pera acompanhar o ditto Alferes e nella procedeo com m.^{to} vallor pello que o julgo por merecedor de toda a m.^{ca} e honrra que Sua mag.^{de} for servido fazer-lhe, por hũa fauçãõ tam honrrada, e por me pedir a presente lha mandei passar por min asinada e selada com o signete de minhas armas, o que tudo passo na uerdade pelo juram.^{to} dos Sanctos evangelhos. Campo maior em treze de Abril de 1648 annos, (a) Henrique de fig.^{do}

XVIII

(25 de abril de 1648)

Henrique de Fig.^{do} de Souza, etc., (*como acima*).

Certifico q̃ em vinte e cinco de março deste presente anno de

seis centos e quarenta e oito, ordenou o g.^{or} das armas Conde de S. Lourenço fazer hũa entrada nas terras do inimigo a villa de Montijo, com quinhentos cavallos, indo por cabo delles o commissario g.^{al} Tamaricu (1) o qual ordenou que com quatro tropas passassem adiante a ditta villa, indo por cabo delles o coomissayro g.^{al} Luis guomes de fig.^{do} nas quaes entrava a minha, e avançando a ditta villa se lhe tomou grandissima preza; e vindo nos retirando hũa legoa de Badajos nos saio o inimigo com vinte tres tropas, com as quais investimos e Rompemos e puzemos em fugida, sendo grande o destroço de hũa e outra parte de mortos e feridos; nesta ocazião me acompanhou Bras pessoa Cabo de escoladra da minha Comp.^a pelejando na vanguarda com grande valor pelo ã o julgo por merecedor de toda a m.^{ed} ã sua mag.^{de} for servido fazer-lhe o que tudo juro pello juram.^{to} dos Santos Evangelhos passar na verdade e por me pedir a prezente lha mandei passar por mim asinada e selada com o signete de minhas armas, em Campo maior aos vinte e sinco de Abril de seis centos e quarenta e oito annos (*Sinete em obreia*). (aa) Henrique de Fig.^{do} Souza.— Achim de Tamericourt.

XIX

(8 de maio de 1648)

Fernão Miz de Ayala, Cavaleiro do Habito de Santiago, Themente da Comp.^a de Cauillos e couraças do Capitão Henrique de fig.^{do} de Souza.

Certifico ã em sinco de maio deste prezente anno de seiscentos e quarenta e oito me ordenou o mestre de Campo g.^{or} desta praça Afonso furtado de Mendonça que com quarenta cavallos fose ao lugar da Naue, praça do inimigo, adonde fui, p.^a o efeito de fazer hũa emboscada e ver se saião vinte cavallos que na ditta praça assistião,

(1) É o francez Achim de Tamericourt, vindo a Portugal em 1642; commissario geral de Cavallaria em Trás-os-Montes e depois no Alemtejo, e ao qual se referem numerosos documentos colligidos na *Historia do exercito Portuguez*, Provas 2.^o vol. pg. 323.—No nono documento está a sua assignatura autographa.

e marchando no dito dia desta de Campo maior, tendo andado hũa legoa della, me encontrei com hũa tropa do inimigo que andaua na nossa Campanha, a qual logo investi e deribei tomando-lhe dez prizioneiros cõ onze cauallos, e os mais se puzerão em fugida e os segui até ã lhe não pude dar alcance; nesta ocazião se achou Bras pessoa, cabo de esquadra da dita Comp.^a e procedeo nella com todo o valor que de tal soldado se esperava; o que tudo passa na verdade pelo juram.^{to} dos sanctos Evangelhos e julgo ser merecedor de toda a m.^{oe} ã sua mag.^{de} for servido fazer-lhe e por me pedir a prezente lha mandei passar por min assinada e selada com o signete de minhas armas. Em Campo maior aos oito de maio de seiscentos e quarenta e oito annos. (*Sinete em obreia*) (aa) Fernão Miz de Ayalla.— Affonso furtado de m.^{oa}.—

XX

(26 de junho de 1648)

Fernão Miz daiala, ten.^{te}, etc., (*como acima*).

Certifico ã tendo noticia o g.^{or} das Armas Marti Afonso de Mello, Conde de S. Lourenço que o inimigo vinha como a sua fr.^a fazer hũa entrada neste Reino a saquear a campanha, ordenou ao comisario g.¹ Achim de Tamaricure lhe fosse impedir o passo e avendo-o conseguido o ditto comisario g.¹ e marchando desta Praça d'Eluas em nove de junho de seiscentos e quarenta e oito com quinhêtos cauallos, ás duas legoas teve auiso ã o inimigo vinha entrando pellos Campos da cidade de Portalegre onde o foi logo buscar com a gente que leuava e marchando toda a noite, ao amanhecer o auistamos junto dos olivais da dita Cidade. Logo o mandou envistir e nos prim.^{os} encontros o desbaratamos e pondo-se em fugida o seguimos mais de duas legoas e no alcance lhe matamos algũa gente e lhe catiuamos noventa e oito caualos, digo soldados, entre elles Tenentes e Alferes, e lhe trouxemos cento e trinta caualos, e mui luzidos despojos; nesta ocazião me acompanhou Bras Pessoa, cabo de esquadra da d.^{na} Companhia, o qual procedeo na d.^{na} ocazião com particular valor e esforso, seguindo sempre no alcance ao inimigo pello ã he muito digno de toda a honra e m.^{oe} ã S. Mag.^{de} for servido fazer-lhe o ã tudo juro passar

na uerd.^e pelo juram.^{to} dos Santos Evangelhos e por do conteudo me pedir a prezente ha dei por min assinada e sellada com o sinete de minhas armas. Em Eluas aos vinte e seis de junho de seiscentos e quarenta e oito annos. (*Sinete em obreia*) (*aa*) fernão miz de Aiala.— Achim de Tamericurt.

XXI

(21 de julho de 1649)

Fernão de mesquita pimentel Cap.^{am} de huma comp.^a de cauallos e courassas, por sua mag.^{de}—Certifico que tendo noticia o governador das Armas Martim Affonço de Mello, Conde de S. Lourenço que o inimigo tinha feito entrada nas nossas terras com mill e quinhentos cauallos ordenou saiem quatro companhias desta praça, de que fui por cabo athe a villa de Veiros aonde nos encorporamos com a mais caualaria e d'ahi saimos huma sesta feira vinte e tres de Abril de mill seiscentos e quarenta e nove as ordens do Tenente general de caualaria Achim de Temericur, E chegando ao Termo de Monforte se avistou o inimigo que vinha com grandioza pillhagem das partes de cabeso dauide, e logo o tenête general mandou formar a cauallaria em desposição de guerra (sic) e assim marchamos the chegarmos a emvestir o inimigo que estava formado junto ao Ribeiro do vidigam com 600 cauallos, o qual investimos a espada e rechasamos de modo que o fizemos pôr em fugida, fazendo-lhe largar a preza e o seguimos mais de hũa legoa. E na ocazião recebeu infinita perda ficando-lhe mais de duzentos cauallos e armas e muitos despojos, e mais de sento e tantos prizioneiros E muitos mortos que ficarão no camp.^a e alguns officiaes, e nos retiramos a dar fresco aos caualos na dita v.^a de cabeso da uide, e nesta ocazião me acompanhou bras pessoa, Alferes de minha Comp.^a o qual vi proceder e fazer sua obrigação como honrado e valente soldado, como delle se esperava pello q. he merecedor de toda a honrra e mercê que sua magestade for servido fazer-lhe. E por me constar do sobredito, e me pedir aprezenete lha mandei passar na verdade por mi assinada e selada com o sinete de minhas armas, o que tudo juro pello habito de Christo, de que sou profeso ser asim. Dada em elvas, aos vinte e hũ de Julho de 1649 annos, (*aa*) Achim de Te-

mericur.—Fernão de mesq.^a Pim.^o —sinete em obreia.—No alto rubrica do Conde de São Lourenço.

XXII

(1 de Setembro de 1653)

Fernão de Mesquitta Pimentel cap.^{am} de cavallos e couraças por sua Maj.^{de} em esta Prov.^a do Alentejo, etc.

Certifico que ordenando o mestre de Campo g.^l Dom João da Costa, ora g.^{or} das Armas ao tenente g.^l da cauallaria Achim de Tamaricuri em tres de outubro de 652 fôse armar a Cal.^{ra} (?) do inimigo a Badaios com mil e cem cauallos, domde nos emboscamos no Alcercocal (?) hũa legua distante da cidade e o dito tenente g.^l ordenou ao commisario geral da cauallaria q.^e com 400 cauallos fosse a correr a campanha do inimigo, tomando-lhe os seus gados p.^a q.^e asi o obrigasse a sair, o q.^e inimigo tinha presentido o rebatte da noite antes p.^a isso tinha prevenido a cavalaria q.^e pode ajuntar q.^e em Badajós, Talaveira, Lobão, Montijo e Albufeira tinha, q.^e fez soma de 28 tropas com as que saio a defender os seus gados, e o do tenente g.^l vendo q.^e o inimigo tinha partido p.^a pellejar com a nossa caualaria q.^e ali tinhamos lhe foi forçoso sair com a emboscada a soccorrer ao comisario g.^l porq.^{to} o inimigo o trazia m.^{to} carregado, e vendo o inimigo a nossa caualaria se formou p.^a nos dar o choque, porq.^e não sóm.^{to} tinha a sua caualaria, mas de soccorro lhe vinha a sua infantaria e uendo o inimigo o estrago, e perda q.^e recebia se pôs em fugida o q.^e eu com o meu batalhão fui disbaratando e matando-lhe m.^{tos} soldados e officiaes e tomandolhe m.^{tos} prezioneiros, caualos e armas, até os meter pella sua Praça dentro, donde me retirei com m.^{to} pouca perda dos soldados q.^e me acompanharão; nesta ocasião me acompanhou o meu Alferes Bras Pessoa, o qual se ouve cõ m.^{to} grande valor e esforço, guardando sempre as ordens dos seus maiores. Pello q.^e he merecedor de toda a honra e m. q.^e sua Mag.^{de} lhe fizer e por do conteudo pedir a presente e passar na verdade, lha dei jurada aos S.^{tos} Evangelhos, por mi assinada e selada com o sinete de minhas armas. Arronches, oje o 1.^o de setembro de 1653 annos. (aa) O Conde de Soure.—Achim de Temicur.—Fernão de Mesq.^{is} Pim.^{el}.—(sinete em obreia).

XXIII

(10 de Janeiro de 1654)

Fernão de Mesquitta Pimentel cap.^{do} etc. (*como acima*).

Certifico q.^o ordenando o Conde de Soure, Dom João da Costa, mestre de Campo g.¹ governador das Armas desta Provincia do Alemtejo ao general da caualaria fosse a Castella a Praça de Vallença p.^a effeito de derrotar as tropas q.^o naquella villa e mais asestião em 7 de oittubro do anno de 1653, fui á dita Praça e vindome recolhendo me saio o inimigo cõ dezoito tropas ás quais apresentei batalha com oito que levava e lhe dei athaque em que lhe matei e feri m.^{ta} gente, matando dous capitais e ferindo tres, e doze Alferes e tenentes mortos e feridos, nesta ocazião me acompanhou Bras Pessoa Tenente da Companhia do capp.^{am} Manuel de Mendonça Furtado, indo governando a Companhia ã ausencia do seu Capp.^{am} procedendo em tudo o q.^o lhe ordenei e fazendo sua obrigação como delle se esperava. Pello q.^o he merecedor de toda a m.^{ca} e honrra q.^o sua Mag.^{de} for servido fazer-lhe e por me ser pedida a presente lha mandei passar por mi assinada e sellada com o sinette de minhas armas o q.^o tudo passa na verdade pellos santos evangelhos e pello habito de Christo de que sou Professo, dada ã El-uas aos dez dias do mez de jan.^{vo} de 1654 annos. (*aa*) O Conde de Soure—Fernão de Mesq.^{ta} Pim.^{el}—(*sinete em obreia*).

XXIV

Certidões dos officios de Bras Pessoa

(11 de Setembro de 1659)

Antonio de Torres, Contt.^{or} g.¹ do Ex.^{to} e front.^a da provincia do Alemtejo por S. M.^{de} etc. Certifico q.^o pellas listas que estão nestes officios consta que o Tenente Bras pessoa, filho de Diogo João, n.^{al} da freguezia de Sam vicente, de idade de vinte e tres annos, louro de barba, cheyo de rosto, servio a sua Mag.^{de} neste ditto Ex.^{to} dezasette annos oito mezes e dous dias, cujo serviço continuou de desanove

de julho seiscentos quarenta e hum, que neste Ex.^{to} foi admittido ao soldo de sua Mag.^{de} por soldado da Comp.^a de que foi cappitão João de Saldanha da Gama, a que succedeo M.^{el} da Gama Lobo, e Henrique de Figueiredo de Souza, e nella servio thé vinte e sinco de novembro, seiscentos e quarenta e quatro, que passou a cabo de esquadra e continuou thé 7 de Julho seiscentos quarenta e oito, que por nombram.^{to} do general da Cauallaria Dom João Mascarenhas confirmado plo Conde de São Lourenço governador das armas passou a Alferes da sua Comp.^a de cav.^{os} que de novo se levantou em ditto Ex.^{to} p.^r ordem do g.^l da cavallaria Dom João Mascarenhas e do governador das armas o Conde de Sam Lourenço, na qual succedeo p.^r capp.^{am} della Fernando de Mesq.^{ta} pimentel, o qual posto exercitou thé vinte e sinco de setembro, seiscentos e cincoenta e tres, que passou a Tenente da Comp.^a de cavallos de que era capittam Manuel de Mendonça, a que succedeu Antonio de Sequeira pestana, por nombram.^{to} do dito capp.^{am} aprouado pelo general da caualaria Andre de Albuquerque, e confirmado plo Conde de Soure, M.^{to} de Campo g.^l que governava as armas, o qual posto servio thé trinta de março de seiscentos cincoenta e seis, que passou a exercitar ditto posto, á comp.^a de cauallos do cappitão Bernardo de faira de fresnedo, em troco de Luis Soares marinho, Tenente que o era della, a conveniencia de seus cappittães aprovada plo Tenente g.^l da cauallaria Dinis de mello de Castro e confirmada plo cappittão g.^l da artelharia, Franc.^{co} de Mello (governando as armas) que continuou thé dezanove de março seiscentos cincoenta e nove q.^e morreo no seu quartel. E de seus assentos consta não ter notta algũa de ausencia nem que lhe seja de impedim.^{to} parecendo em todas as mostras gerais que se passarão á ditta companhia; e para que do referido conste aonde comvenha a requerimento de seus herdeiros lhe mandei passar aprezenete certidão da fée de officios por mim assignada e feita por Antonio de Carvalho e Silva, official da Contt.^a g.^{al} do Ex.^{to} em Elvas aos onze dias do mez de setembro de mil e seiscentos cincoenta e nove. E declaro q.^e não tem nestes officios contas que dar de armas nem cauallos. Elvas dia era ut supra, (aa) Jorge da frança— Antonio de Torres.

Fée de officios do Tenente Bras pesoa, defunto, de desacete annos, oito mezes e dois dias.

Nas costas as notas do lançamento desta certidão no assento do defunto Bras Pesoa, nos livros da Contt.^a a fl. 316 do L.^o registo das

certidões de féas e a fl. 10 do L.^o da lista da Comp.^a em 15 de Setb.^o de 1659.—

XXV

(21 de Junho de 1655)

Antonio de freitas veedor g.^{al} e Contador da Repartição de Art.^a deste Exc.^{io} e Provincia do Alemtejo por S. Mag.^{de} etc. Certifico que Bras Pessoa tenente da comp.^a de cauallos de que foy cap.^{am} Manoel de Mendonça furtado deu conta das Armas e mais cousas que Recebeo com a dita companhia quando a ficou governando, e constou haver recebido em 3 de nov.^o do anno passado de 1654, trinta e quatro peitos com seus espaldares; trinta e oito murriões, sessenta e cinco pistolas, e doze cravinas, tudo portuguez e aparelhado de Bolças e Bandalas; as quaes Armas entregou a Antonio de Sequeira Pestana que succedeu por capp.^{ao} na dita Comp.^a de que lhe passou recibo que foy carregado em seu assento nos officios do Ex.^{io} e fica nestes da Repartição da Art.^a para se lhe pedir conta dellas pello que o dito Then.^{io} não fica devendo nada na dita conta e para que conste lhe passey esta certidão por mi assinada e feita por Antonio de Carvalho, official dos ditos officios em Elvas aos vinte e um dias do mez de junho de 1655, annos, (a) Antonio de Freitas.

XXVI

No rosto destes documentos ha meia folha de almasso, com uma relação de armas distribuidas pelos nomes relacionados, sendo a M.^{el} Trombeta duas pistolas, armas e murrião e a cada um dos 19 nomes que seguem, 2 pistolas portuguezas, uma cravina portugueza, e murrião, ou um total de 40 pistolas, 19 cravinas, e 20 murriões.

VICTOR RIBEIRO.

CAMPANARIOS EM PORTUGAL

Apontamentos para a Historia da Arte de fundição de sinos

O invento e uso dos sinos é de epocha muito remota, attribuindo-se-lhes applicações naquelles tempos tanto profanas como religiosas.

O Christianismo aproveitou o invento dos sinos, e começou de usal-os para annunciar aos crentes as horas das praticas christans, e presume-se, ou é tradição, que foi S. Paulino, bispo de Nola, pelos annos de 409 a 431, quem primeiro admittiu o uso dos sinos no culto sagrado.

S. Paulino (Pontius Meropius Anicius) nasceu em Bordeus em 353 do anno do nascimento de Jesus Christo, e morreu em Nola no anno de 431, tendo sido eleito bispo em 409.

Nola é cidade episcopal da Italia na provincia de Caserta, do antigo reino de Napoles.

Do codice n.º 6369, T—4—44 da Bibliotheca Nacional de Lisboa e intitulado *Miscellanea curiosa* da pag. 294 se transcreve:

«*Sinos bautizados ou bentos.* A cerimonia de bautizar-se os sinos começou pelo Papa João XIII o qual no anno 968 em a cidade de Roma consagrou a Deus em ritos e ceremonias sagradas o primeiro sino da Igreja Lateranense e lhe pôz por nome João Bautista, porque havia de servir para a Igreja do nome do mesmo Santo. Desde este tempo começarão a sacrar-se e benzer-se os sinos das Igrejas, ao que vulgarmente chamam bautisar, talvez porque se lhe poem nomes de santos, como no baptismo se pôem ás creaturas, sendo que a tal cerimonia não tem nada com o baptismo».

A *Historia dos Papas* relata que, João XIII foi elevado ao solio pontificio em 965, e falleceu a 6 de setembro de 972, estabelecendo no culto das egrejas a cerimonia de benzer os sinos.

Ha sinos cujos sons plangentes entristecem, outros de que os timbres sonoros dão alegria.

Se nas egrejas os sinos tangem pedindo orações pelos que passaram desta vida, tambem sôam alegremente annunciando ao pôvo as

festividades, e tangiam nas communitades religiosas, chamando a capitulo ou cabido «per campá tanjuda» ou «tangida» e bem assim no uso profano corre o sino da camara para avisar a reunião dos vereadores para sessão, corre da mesma fórma para marcar a hora de findar a labutação do pòvo, e para se encerrarem os estabelecimentos locais, e ainda o sino vibra para indicar o meio-dia e as Ave-Marias das Trindades, dar aviso dos incendios, e nos acontecimentos politicos de rebellião ou de revolta concelhia lá toma parte activa o sino tocando a rebate.

Acerca do antigo fabrico de sinos pouco se sabe, e os subsidios, que se podem alcançar dos escriptores, tambem não dão bastante luz no assumpto; no emtanto averigua-se, que, a fundição de sinos em Portugal até principios do seculo XVII, se effectuava em Lisboa nos «Allmazens do Reino e Casa da India» pelos fundidores de artilharia.

O Sr. Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo na sua erudita memoria *Fundidores de Artilharia*, publicada primitivamente na *Revista Militar* de 1901, dá na integra uma carta de ajuste celebrado por D. João III com os fundidores de artilharia em 18 de agosto de 1548, sobre a quebra do metal e do preço da fundição das peças e sinos. D'essa carta extractamos os seguintes periodos:

«Dom Joham &c. Aquamto esta minha carta virem faço saber que os fundidores dartilharia, moradores nesta cidade, me emuiarão dizer que elles não podiam fazer a dita artilharia pello preço e quebra que se lhe sohia daar por alguñas Rezões que pera iso apomtação, e que pera elles fazerem a dita artilharja em toda perfeiçam, bondade e acabada de todo como a meu seruiço cumpre, lhe fizese merce de lhe mandar acrecêtar o preço do feitio e quebra como fose Rezão pera que elles não perdesem de suas fazemdas, e visto per mim seu Requerimento por allguüs respeitos que a iso ouue mandey que daquy em diamte elles ouuesem de feitio das peças dartilheria de cobre que ffundisem e fizesem thee serem de todo acabadas e avarumadas a Rezão de seis cemtos reaaes por cada quimtal, e que lhe fose dado de quebra na dita artilharja a Rezão de sete por cemto, e que dos synos que elles fundisem e fizesem lhe fose dado de feitio por cada quimtall a Rezão de mill e trezentos reaaes sem niso lhe ser dado quebra allgũa, e por elles ditos fundidores dizerem que erão comtemtes de fazerem a dita artilharia, e synos pellos ditos preços e

com a dita quebra, como dito hee, lhe mandey pasar esta minha carta, Noteficoo asy e mamdo ao prouedor dos allmazês, que ora hee e ao diamte for que faça pagar aos ditos fundidores os ffeitos da artilharja e synos que fezerem. e asy como os ditos fundidores forem emtreguamdo a dita artilharja e synos o dito prouedor lhes mandaraa pagar o dinheiro que nos ditos ffeitos lhes momtar aver,—Adrião Lucio a fez em Lixboa, a dezoito dias da guosto anno do nascimento de noso Senhor Jhesuū Xpo de Jb° Rbiiij —Amdre Soarez a ffez esprever». (1)

A *Estatistica de Lisboa 1552* com annotações e additamentos de 1620, interessante codice da Bibliotheca Nacional de Lisboa tratando da «Casa da India e Allmazens» onde havia pessoal de artes e officios menciona a fls. 84. «Lavrarse nesta casa hũ ano por outro IIj. mill quĩtaes de artelharia grossa e meuda e todos os fundidores tem tença de S. A. (sua alteza o rei) e suas obras paguas atanto por quintall com suas falhas. Fazense hũ ano por outro L^{ta} (cincoenta) sinos dos quaes sua A. prove os mosteiros e Igreias deste regno e lhe faz esmolla delles».

A mesma *Estatistica* quando relaciona as «pessoas e generos de officios que na cidade se governão» nada diz dos fundidores de sinos; relacionando porem «quatro casas em que se fazem llampadas de igreja e castiças de igreja». E na mesma relação de pessoas se encontra, «Tem hũ homẽ que ganha dinheiro tãger o sino de corer». No capitulo em que descreve a «Despesa da camara desta çidade he officiaes della» a fls. 70 v. indica «O que tange ossino de recolher anoite IIj mil rs.—3000 rs» (reaes).

Christovão Rodrigues de Oliveira no seu *Summario em que brevemente se contem algumas cousas assim ecclesiasticas, como seculares, que ha na cidade de Lisboa*, impresso em Lisboa entre os annos de 1554 a 1560, e depois em 1755 addicionado por Manuel da Conceição nada referem a respeito de fundidores de sinos, e quando descrevem a «gente de officios que ha em Lisboa» só mencionam na relação dos officiaes da Camara da Cidade um sineiro.

(1) Arch. da Torre do Tombo—*Chanc. de D. João III, Privilegios L.º 2.º*
288 v.

João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal antigo e moderno* Lisboa, primeira edição 1758, segunda edição 1762 e 1763, e Manuel Bernardes Branco na terceira edição *Supplemento*, 1870, capitulo «Commercio e industria e officios mechanicos» nada dizem a respeito dos fundidores de sinos.

Do seculo xvii em diante os sinos nos revelam os nomes dos fundidores e os logares da fundição, conforme se verá pelas descripções, que nos propomos apresentar, tendo o Sr. Pedro Fernandes Thomaz já publicado em 1898 na *Portvgalia*, Tom. I, fasc. 1.º pag. 141 e segg. uma bem desenvolvida «Descripção das inscripções e emblemas existentes nos sinos das egrejas do concelho da Figueira».

Nos sinos não ha só a attender aos letreiros (designando assim letreiros e não inscripções, visto que todos os caracteres, emblemas e ornamentos são em relêvo), porque se na maioria são versiculos dos Evangelhos, invocações e outras palavras sacramentaes, em alguns outros são diversos e interessantes pela fórma e letras, e constituem elementos para o estudo da epigraphia; mas temos tambem a examinar os symbolos e emblemas representados e especialmente a ornamentação, e a parte technica para se poderem apreciar e qualificar os artistas fundidores, notando que, nem sempre se nos apresentam eximios grammaticos, observando-se erros nas palavras com trocas e faltas de letras.

LISBOA

Egreja da Sé Patriarchal

Na torre do lado do Norte estão cinco sinos nas quatro sineiras, o maior foi retirado da sineira da fachada pelas obras de restauração a que se tem procedido, e ainda se procedem nas duas torres e em parte do edificio.

Sino grande: Em cima junto á corôa cintas com ornamentos em relêvo, e em tres linhas circulares as legendas seguintes:

1.ª linha † CRICVMDET (1) DESTRVAT ET COMPRIMAT TE
 NVBES DEVS ✕ PATER DEUS ✕ FILIUS DEVS ✕
 SPIRITUS ✕ SANCTVS AMEN

(1) CRICVMDET, é manifesto erro de CIRCVMDET.

2.^a linha ANNO DOMINI MDCCXXXVI

3.^a » ✠ BENEDICAMUS PATREM ET FILIUM CUM SAC-
TO SPIRITUM SAVDEMVS ET SVPEREXASTE-
MVS EVM IN SÉCVLA

no centro do sino a Trindade sobre nuvens representada pelo Padre Eterno tendo a mão esquerda sobre o mundo, á direita o Salvador, e superior ás duas imagens o Espirito Santo, a Pomba cercada de raios; do lado opposto uma Cruz ornamentada com raios e peanha, em baixo proximo da borda do sino cintas lizas divididas ou formadas por filetes e

I LEVACHE ME FECIT

2.^o Sino—Em cima cinta ornamentada, e em duas linhas circulares as seguintes legendas:

1.^a linha MATER SALVATORIS ORA PRNOBIS OMNIS
SPIRITUS LAUDET DOMINUM SALVATOR MÜN-
DI SALUA NOS

2.^a » FUSA EST ANNO DOMINI MDCCXXXIII

centro só de um lado e da parte interna da torre a Cruz ornamentada com raios e peanha em baixo na borda do sino cintas lizas.

4.^o Sino—Em cima cinta pouco ornamentada e a legenda em duas linhas

CREATE SEBASTIANE MAGNA EST FIDES TVA
INTERCEDE PRON BIS AD DOMINVM IESVM CHRISTVM

centro do sino para a parte de fóra da torre a imagem de Christo em meio corpo Ecce Homo, para dentro a Cruz ornamentada com peanha, em baixo cintas lizas e

LEVACHE ME FECIT 1736

5.º Sino—Em cima cinta com pouco ornamento, centro só do lado da parte externa da torre a Cruz ornamentada com peanha, em baixo cinta liza e a legenda

NAFVNDICAO * DEOLIVEIRA * ANNO * DE 1732

Este sino é denominado *Cabra*, o qual corre diariamente a primeira meia hora da chamada para o côro.

A fundição de Oliveira devia ser a de Luiz Gomes de Oliveira, do qual existem mais sinos de 1721 a 1732, que serão descriptos, e tambem foi fundidor de artilharia.

Os quatro sinos descriptos são todos de epoca anterior ao terremoto do primeiro de novembro de 1755, e certamente eram da Sé; visto que esta torre do lado do Norte pouco damno soffreu naquella catastrophe.

3.º Sino—Em cima cinta ornamentada sobre grinaldas de flôres suspensas em carrancas, centro sobre outra cinta com ornamentos para o lado de fóra da torre a Cruz com a imagem de Christo Crucificado, e equidistantes a Virgem com o Menino, S. Paulo e S. Miguel Archanjo; ornamentam as quatro imagens na parte inferior de cada uma duas palmas, sendo uma palma de cada lado e obliquamente, em baixo cintas ornamentadas e lizas com a legenda em uma linha

B * IOSEPHO * DEI * GEN * SPONSO * A * DOCT * MAG
 DICATVM * ANNO * DOMINI * MDCCLXXX *
 OPVS * IVLLIO * GATTI * ITALLIANO

Na torre do lado do Sul onde está o relógio, a qual muito se desmoronou pelo terremoto de 1755 desabando metade, presume-se que, de todo se inutilisaram os sinos antigos, que nella estavam, sendo depois das obras de reconstrucção collocados os tres artisticos sinos, que actualmente alli se encontram.

Sino das horas na sineira da frontaria.

Em cima junto a corôa cinta muito ornamentada sobre grinaldas de flôres pendentes de carrancas, ao meio do sino outra cinta com ornamentos, e sobre esta para a parte interna da torre um circulo or-

namentado em relêvo estando no centro representada a Virgem em meio corpo com o Menino ao collo e outro ao lado, e a legenda em uma linha

MARIA MATER GRATIÆ MATER MISERICORDIÆ

para a parte externa a Cruz ornamentada com o Crucificado e na peanha a vibora, nos dois lados diametralmente oppostos, em ovaes ornamentados, as imagens de S. Pedro e S. Paulo, SANCTE PETRO TE PAVLO— e S. Vicente, SANCTE VINCENTI— em baixo proximo da borda cintas ornamentadas e liza, na qual está em uma linha o seguinte letreiro

IN NOMINE IESV OMNE GENVFLECTATVR CELESTIVM
TERRESTRIVM TE INFERNORVM OPVS IVLLVS GATTI
ITALLIANO ANNO DOMINI MDCCLXXXII

Sino das meias horas.

Em cima e centro cintas ornamentadas, e sobre a do meio quatro ovaes diametralmente collocados com ornamentos e as quatro imagens, tendo por baixo de cada uma indicado

NOSA. S DA CONCECION—S. IOZE—S. ANTONIO—
S. MICAËLE ARCANIO

em baixo cinta ornamentada e liza, e em uma linha

ANNO DOMINE MDCCLXXXIII OPVS IVLLIVS
GATTI ITAGLIANVS

Sino dos quartos.

Cintas com ornamentos em cima e centro, e sobre a do meio quatro imagens a Cruz com o Crucificado—Ecce Homo sem indicação, e designadas NOSA S. DA. CONCECION—S. IOZE— em baixo cintas lizas e

ANNO DOMINE MDCCLXXXIII ✠ OPVS IVGLLIIVS
GATTI ITAGLIANVS

Nesta torre esteve um antigo sino das horas mandado fazer por el-rei D. Fernando I, pelo cabido e pelos homens bons da cidade o qual se destruiu pelo terremoto de 1755.

D'elle deram noticias, e publicaram os letreiros: o *Guia de Portugal*, Vol. IV, 1880, pag. 26, mas muito alterados.— *Lisboa Antiga, Segunda parte, Bairros orientaes* Tom. III, 1885, pag. 297 pelo nosso erudito Consocio Sr. Visconde de Castilho— e a *Revista Archeologica*, Vol. IV, 1890, pag. 177, por A. C. Borges de Figueiredo, dos quaes aproveitando as variantes, são recompostos os letreiros pela fórma seguinte:

1.º HEC IN CAMPANA DICUNTUR COMMODA SANA
LAUDO DEUM VERUM VOCO PLEBEM CONGREGO CLERUM
DEFUNCTOS PLORO SATAN FUGO FESTA DECORO

2.º ANGELE QUI MEUS ES CUSTOS PIETATE SUPERNA
ME TIBI COMMISSUM SANA DEFENDE GUBERNA
MENTEM SANCTAM SPONTANEAM HONOREM
DEO ET PATRIE LIBERATIONEM

3.º EN A ERA DE MCCCCXV ANNOS FOY FEYTO ESTE SINO DO RELOGIO DA MUY NOBRE CIDADE DE LIXBOA POR MANDADO DO MUY NOBRE REY D. FERNANDO DE PORTUGAL E DO MUY HONRADO CABIDO DA DITA CIDADE DE LIXBOA E DOS HOMES BOOS DITA CIDADE MAISTRE JOHAM FRANCES ME FES

Estas legendas eram em faixas circulares de letras gothicas bastanteamente damnificadas, e nos vãos ou intervallos tinha diversas armas e alguns sellos arruinados e consumidos do tempo.

João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal* Tom. III, 1763, pagg. 185 a 188, depois de descrever a capella real na epoca de D. João V, diz «enriqueceu a santa egreja patriarchal para se celebrarem nella todas as suas funções com magnifico apparatus. Fez tambem guarnecer a torre da egreja de muitos e harmoniosos sinos. Constava ella de dous andares de sineiras: o primeiro tinha dous em cada lado, em que havia oito sinos: no segundo andar havia quatro sineiras; porém o sino grande tomava todo o vão do meio, de sorte que se via por todas as quatro partes, e se sustinha em madeiras, que não tocavam

nas paredes da torre. O primeiro sino peza oitocentas arrobas, e toca nas festas da primeira classe, e nas exequias das pessoas reaes, patriarchas, cardeaes e principaes: o segundo peza cento cincoenta e duas arrobas; toca nas segundas classes e dobra aos fidalgos titulares, monsenhores e conegos: o terceiro tem cento e dez arrobas, e toca nas exequias dos beneficiados: o quarto oitenta e sete arrobas, e toca pelos capellães: o quinto tem setenta e sete arrobas, e toca pelos sachristas: o sexto trinta e cinco arrobas: o setimo vinte e nove arrobas: o oitavo vinte e cinco: o nono vinte e duas: a garrida duas. Havia outra torre chamada do relógio separada da igreja patriarchal, cujos sinos tocavam em dia de festa, etc. Porém tudo lastimosamente pereceu com o incendio do primeiro de novembro de 1755».

No mencionado *Mapa de Portugal*, Tom. III pag. 348, tratando da basilica de Santa Maria (actual sé patriarchal) refere: «Não foi pequeno o damno, que occasionou a este antiquissimo templo o horrido incidente do grande terremoto; pois com o seu impulso extraordinario cahiu a cupula e fabrica exterior do zimbório sobre a nave do meio da igreja, e rompendo-lhe a sua fortissima abobada, veio descançar no plano da mesma nave. Ao mesmo tempo cahiu a torre da parte do mar, em que estava o relógio, a qual com alguns sinos se fez em pedaços».

Egreja da Conceição Velha

Egreja e campanario construidos depois do terremoto de 1755, tendo sido aproveitadas a porta travessa e duas janellas em estylo denominado manuelino da antiga igreja da Misericordia, mandada edificar por el-rei D. Manuel I, sendo portanto a actual fachada e a capella mór, antiga capella do Espirito Santo fundada por D. Simoa Godinho, os restos salvos d'aquella catastrophe, como já dei noticias no *Guia em Portugal, Lisboa illustrada* N.º 5, 1878, pagg. 33 e 34, e nos *Apontamentos historicos*, 1893.

O Sr. Filippe Nery de Faria e Silva na sua memoria *Nossa Senhora do Restello os Freires de Christo e a igreja da Conceição velha* diz «a torre dos sinos, que é da primitiva, está encravada entre propriedades particulares. Tem cinco sinos e duas sinetas».

A actual torre não é da primitiva igreja da Misericordia, a sua estrutura indica ser da construcção pombalina.

Existe na torre um notavel sino grande muito ornamentado, sendo um magnifico artefacto do seculo XVI, certamente destinado á mesma egreja da Misericordia, constituindo uma verdadeira reliquia archeologica digna de ser conservada.

As irmandades e juntas de parochia teem pedido ás auctoridades administrativas, e continuam a solicitar auctorizações, para venderem os sinos antigos, e adquirirem outros novos, e assim vão desaparecendo pela refundição exemplares importantes e interessantes para o estudo da arte da fundição de sinos.

Em cima as seis azelhas ou azas da corôa com carrancas, cinta ornamentada acompanhada de duas cintas lizas formadas por filetes e em duas linhas em caracteres gothicos maiusculos muito floreados a *Ave Maria*

AVE S MARIA S GRASIA S plena S DOMINOS S
 CEORO S BENEDICTA S CUI S INO S
 SANTAMARIADENUS S EBENEDICTUS S
 FRUCOS S VENTRES S CUI S IHS S

no centro em duas faces diametralmente oppostas está um quadrado com tres baldaquins ornamentados sobrepostos, semelhando tripticos, no meio do quadrado a imagem da Virgem sentada com o Menino no collo e rodeada de anjos, aos lados dos quadrados carrancas, nas outras duas faces duas imagens de santos sendo uma de S. João Baptista, na parte superior de cada uma IHS; seguem-se a meio do sino tres filetes circulares, e equidistantes quatro nichos com a parte superior triangular e dispostos sob os tripticos e imagens acima descriptas. Os quatro nichos representam o Calvario, Christo crucificado a Virgem e S. João Evangelista, em baixo nas cintas lizas divididas por filetes e em duas linhas nos mesmos caracteres gothicos floreados lê-se o *Pater Noster*

CRESCIAM S PATRE S NOSTRE S QUIES S
 DIACCENS S SAMANSECUR S NOMEN S TUAM S
 ABENTIA S REINAMTUAM S NAS S BONUMCAS S
 TUAS S SION S DIACCERO S EDIACCERA S
 PANEM S NOSTRAM S

mais um filete e sobre elle onze pequenas figuras de santos, e na borda cinta ornamentada e filetes.

2.º Sino—Cintas lizas marcadas por filetes circulares em cima, meio e em baixo na borda, sem legenda alguma, no centro para a parte interna da torre a imagem da Virgem.

Este sino pelo feitio deve ser do seculo XVII.

O formato dos sinos antigos até ao seculo XVII é bem distincto pelo contorno, pois que a sua fórma é esguia, e os dos seculos XVIII e seguintes têm maior curva do centro ou cova para a borda.

3.º—Cinta liza em cima sem letreiro
centro só do lado de dentro da torre a imagem de N. S. da Conceição,
em baixo cinta liza e em uma linha

☒ LVYS ☒ GOMES. DEOLYVEYRA. MEFES. LYSBOA.
ORIENTAL. ANNO. DE 1721 ☒

4.º—Em cima cinta ornamentada e em uma linha a legenda

SANTOS DEOS SANTOS FORTIS SANTOS IMMORTALIS
MIZERENOBIS

No centro para fóra da torre está a Cruz liza com ornamentos nas extremidades da haste e braços e peanha tendo no meio a Custodia, para o lado interno a figura de Santa Thereza em baixo cinta liza e

☞ FAUSTINO ALVES GUERRA MEFES N 1770

5.º—Cintas ornamentadas em cima, centro só de um lado a Cruz ornamentada com peanha, em baixo cintas lizas sem legenda alguma.

Egreja de S. João da Praça

Foi freguezia independente, actualmente annexa á freguezia da Sé.

Na torre estão sete sinos do mesmo fundidor, sendo quatro nas sineiras e tres na cupula. Os das sineiras em cima junto á corôa têm cintas ornamentadas, nos centros sobre filetes para a parte exterior da torre a Cruz com ornamentos e peanha, para a parte interna as imagens e letreiros dos santos aos quaes são dedicados

1.º * S. JOAO BAPTISTA *

2.º * N. S. DA PIADADE *

3.º * S. PEDRO *

4.º * S. BARBARA *

em baixo nas bordas, cintas lizas circulares, e em todos os quatro numa só linha

* JOZE DOMINGUES DA COSTA O FEZ EM LISBOA NO
ANNO DE 1813 *

Os tres da cupula com cintas iguaes, mas sem figuras nem letreiros.

Egreja de Nossa Senhora de Jesus

Nesta igreja, que foi dos religiosos da terceira ordem de S. Francisco, está installada desde 1835, e exerce culto a freguezia de Nossa Senhora das Mercês.

Não tem torre, os cinco sinos estão dispostos sobre muros em uma dependencia da cerca proxima da igreja.

1.º—Em cima cinta ornamentada sobre grinaldas de flôres suspensas de carrancas, centro sobre outra cinta tambem ornamentada quatro ellipses com ornamentos e diametralmente oppostas, com as imagens de N. S. da Conceição, S. José, S. Pedro e S. Paulo em baixo cinta ornamentada e em uma só linha a legenda seguinte

LAVDATE DOMINVM IN CYMBALIS SENDO PRELADO
 MAIOR DESTA S.^{TA} PROV.^A FR. FRANC.^O DE JESVS MARIA
 SARMENTO ANNO MDCCLXXVII OPPVS JVLLIO GATTI
 ITALIANO

3.^o—Cinta ornamentada e pela parte inferior grinaldas de flôres pendentes de carrancas, centro quatro imagens equidistantes—Christo Crucificado e junta á Cruz ajoelhada a Virgem, S. Pedro, Santo Antonio e S. Miguel Archanjo pisando o anjo mau, sobre cinta ornamentada

em baixo cinta ornamentada e a legenda seguinte em uma linha

IN CYMBALIS BENE SONANTIBVS SENDO PRELADO
 MAIOR DESTA S.^{TA} PROV.^A FR. FRANC.^O DE JESVS MARIA
 SARMENTO ANNO 1777 OPPVS JVLLIO GATTI ITALIANO

Os sinos da fundição de Jullio Gatti são bem feitos e com muita ornamentação, como já verificámos na descripção dos quatro existentes na egreja da Sé.

2.^o—Em cima cinta ornamentada sem legenda, centro só de um, lado a Cruz com ornamentos raios e peanha
 em baixo cintas lisas fôrmas por filetes e em uma linha o letreiro

✠ JOZE DOMINGUES DACOSTA OFEZ EM LISBOA NO
 ANNO DE 1824 ✠

4.^o—De menor tamanho, mas igual nos ornatos e legenda ao segundo acima descripto.

5.^o—Com menores dimensões do quarto, com ornamentação idêntica, mas sem a legenda do nome do fundidor e local, e só 1824 na cinta liza da borda.

Egreja de S. Domingos

Magestoso templo do convento da ordem dos pregadores reedificado depois do terremoto do primeiro de novembro de 1755, e nelle foi estabelecida a freguezia de Santa Justa e Rufina em 30 de novembro de 1834.


Tem torre com quatro sinos.

1.º—Cinta liza em cima formada por filetes e em uma linha a legenda seguinte

N ◇ S ◇ DOROSARIO ◇ ORA ◇ PRNOBIS ◇ EM ◇
 LX.^A ◇ MEFES ◇ MATIAS ◇ ESCARTIM ◇ NO
 ANNO ◇ D 1649 ◇ ◇

no centro ou cova do sino para o lado de fóra da torre tem uma Cruz ornamentada com peanha, para a parte interna uma ellipse radiada e no meio a imagem da Senhora do Rosario, em baixo cinta liza sem legenda.

2.º—Em cima cinta ornamentada sem letreiro, no centro só para a parte de fóra a Cruz com ornamentos e peanha, em baixo cintas lizas e em uma linha o letreiro

 JOZE DOMINGUES DACOSTA OFES NO
 ANNO DE 1780

3.º—Cinta liza em cima e em uma linha

SAMTA ◇ MARIA ◇ ORA ◇ PRO ◇ NO ◇ BIS ◇
 ANNO ◇ 1648 ◇

centro só para o lado exterior da torre a Cruz ornamentada com peanha, em baixo cinta liza sem legenda.

4.º—Em cima cinta liza e o letreiro seguinte em uma linha

SANCTA ◇ MARIA ◇ ORA ◇ PRO ◇ NOBIS ◇

no centro filetes formando uma cinta ou faixa circular sem symbolos nem ornatos, em baixo na borda cinta liza e a legenda

VERVM ◊ CARO ◊ FACTVM ◊ EST ◊ ET ◊
KABITAVIT ◊ IN ◊ NOBIS ◊

As fórmas características dos terceiro e quarto sinos, sua ornamentação, legendas e anno nos indicam dever-se attribuir ao mesmo fundidor do primeiro MATIAS ESCARTIM

Matias Escartim, além de fabricante de sinos, foi tambem ajudante de fundidor de artilharia, e como tal citado pelo Sr. Dr. Sousa Viterbo na sua memoria *Fundidores de Artilharia* a pag. 37, tendo-lhe sido passado alvará de aposentadoria pelo rei D. Philippe III em Lisboa a 18 de maio de 1624.

Egreja dos Paulistas

A igreja dos religiosos Paulistas da congregação dos eremitas da serra de Ossa, e dedicada ao Santissimo Sacramento, serve desde 1835 para o culto e mais actos da freguezia de Santa Catharina, cuja igreja bastante ruina tambem soffreu pelo terremoto de 1755, tendo sido demolidos os restos em 1862.

A fachada da igreja está voltada ao Sul, tem duas torres, e na do lado do Occidente estão quatro sinos.


1.º—Em cima junto á corôa cinta ornamentada e a legenda em uma linha

PAVLVS § EREMITARVM § AVTOR § ET § MAGISTER §


centro só de um lado e para a parte interna da torre está a figura de S. Paulo Eremita em baixo proximo do bordo cinta com ornamento simples e na faixa liza

§ PEDRO § ROIZ § PALAVRA § OFES § 1723 §


2.º—Cinta pouco ornamentada em cima sem letreiro
centro para a parte de fóra da torre a imagem da Conceição, e para
o lado opposto de dentro a Cruz liza com ornatos nas extremidades
da haste e braços e no centro da peanha uma pequena Custodia
em baixo cintas lisas e a legenda

 SANTOS JOZE NIHOVL ME FES 1769

3.º—Em cima cinta ornamentada e o letreiro em uma linha

 TOTA PULCHRA ES MARIA ET MACULA ORIGINALIS
NON EST IN TE

centro para o lado de fóra tem a imagem da Conceição, para den-
tro a Cruz ornamentada com raios e peanha
em baixo cintas lisas e em uma linha

 SANTOS JOZE NIHUOL MEFES NO ANNO DE 1768

4.º—Cinta liza em cima e em uma linha a legenda

INTERCESSIO NOS BEATI ANTONII ABBATIS

centro para a parte externa da torre a Cruz ornamentada nas extre-
midades e na peanha uma pequena Custodia, para o lado interno a
figura de S. Paulo Eremita
cintas lisas em baixo e

☒ SANTOS JOZE NIHOVL ME F 1742.

(Continúa).

J. J. d'ASCENSÃO VALDEZ.

Subsidios para a historia da musica em Portugal

I

A musica sagrada em diversas terras do reino

a) Monção

O culto religioso era intensissimo no nosso paiz e por isso não admira que as festas ecclesiasticas sobrelevassem ás de qualquer outra natureza. As festas profanas, as corridas de touros e outros espectaculos ao ar livre, como torneios, cavalladas, jogos de cannas, corridas de cavallo, jogos da pélla e outros exercicios gymnasticos, eram frequentes e até em muitos casos acompanhavam e completavam aquellas, mas eram para assim dizer periodicas, ao passo que as religiosas eram constantes e quotidianas, com mais ou menos apparatus e solemnidade. Não admira, por conseguinte, que a musica, elemento indispensavel de taes solemnidades, estivesse divulgada por todo o paiz, havendo alguns pontos onde ella se exercitava pratica e theoreticamente. Algumas egrejas poderiam considerar-se até como escolas e conservatorios de musica em miniatura. O que é para extranhar e muito para sentir é que desse extraordinario movimento se apagasse a quasi totalidade dos seus vestigios. As composições musicaes, tanto sagradas como profanas, não encontraram quem as colleccionasse e se alguma colleção se chegou a formar é hoje de difficilimo encontro. Que foi feito da musica derramada nos autos de Gil Vicente e dos seus successores, nas tragi-comedias latinas dos jesuitas? Que é feito do acompanhamento dos innumerados vilancicos celebrados nas egrejas, sobretudo pelo natal? Que mão mysteriosa destruiu ou guarda a sete chaves tantas reliquias, que deviam ser hoje preciosas para o estudo da evolução musical entre nós?

Na impossibilidade de apresentar esses monumentos, entendo que é já um serviço, e uma compensação, desenterrar dos archivos os nomes obscuros de centenaes de mestres de capella e instrumentistas, alguns dos quaes teriam decerto honrado a profissão, obtendo o applauso dos seus contemporaneos. Neste intuito, passarei portanto a enumerar algumas terras de provincia, em cujas egrejas havia mestres de capella e organistas, que realçavam com a sua aptidão as festas alli celebradas. A principiar pelo norte, citarei a villa de Monção, onde havia um mestre de capella, o qual era obrigado não só a assistir aos officios divinos, como tambem a ensinar a sua arte. Para este fim a camara da villa lhe pagava o ordenado annual de quarenta mil réis. Em 1735 estava na posse do cargo o padre Balthazar Dantas, natural da villa de Caminha. D. João v confirmou a sua nomeação por uma provisão de 8 de fevereiro de 1735, a qual é do teor seguinte:

«Dom João, etc. Faço saber que o Padre Balthazar Dantas, da villa de Caminha e assistente na de Monção me representou por sua petição que costumando o Povo e Camara da dita villa de Monção ter hum Mestre de Capella para ensinar na mesma villa e assistir ás festas e mais obrigações costumadas a que pagavão quarenta mil réis cada anno nomearão o supplicante para a mesma occupação como constava da certidão que juntava. Pedindo-me lhe fizesse mercê conceder Provisão da dita nomeação e visto seu requerimento hey por bem confirmar como com effeito confirmo e hey por confirmada a nomeação que no supplicante fizerão a camara e Povo da villa de Monção para nella servir de Mestre de cappella com o ordenado de 40\$000 réis cada hum anno e mando se cumpra e guarde como na dita nomeação se conthem e esta Provisão vallerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação do Livro 2.º titulo 40 em contrario registando-se no livro da Camara para a todo o tempo constar e pagou de novos direitos 400 réis que se carregarão ao Thesoureiro delles a fl. 105 v. do livro 23 da sua receita e se registou o conhecimento em forma no livro 19 do registo geral a fl. 131. El-Rey Nosso Senhor o mandou pellos Doutores Antonio Teixeira Alvares e Belchior do Rego de Andrade ambos do seu conselho, seus Desembargadores do Paço. João de Medeiros Teixeira a fes em Lisboa Occidental a 8 de fevereiro de 1735. De feitio 200 réis. Gonçalo Francisco da Costa Sottomayor a fez escrever. Belchior do Rego de Andrade, Antonio Teixeira Alvares. Por despacho da Meza do Des-

embargo do Paço de 26 de Janeiro de 1735 em observancia da Ley novissima, Joseph Vás de Carvalho. Pagou 460 réis e aos officiaes 314 réis. Lisboa Occidental doze de fevereiro de 1735. Dom Miguel Maldonado.» (1)

b) Villa Nova de Cerveira

Villa Nova de Cerveira estava no mesmo caso que Monção. Tinha tambem um mestre de capella com o onus de ensinar musica e latim, ao qual a Camara pagava de ordenado quarenta mil réis. Manuel Pinheiro Peixoto viera de fóra para exercer aquelles cargos, e havia bastantes annos que os desempenhava com geral satisfação, quando requereu para ser substituido por seu filho legitimo Miguel Freire Barbosa, igualmente habilitado naquellas disciplinas, e perito no tocar de diversos instrumentos. Fallecido o pae, sem ver o despacho a este requerimento, a Camara da villa elegeu no entretanto o filho, sendo esta nomeação confirmada por D. João v em carta de 16 de janeiro de 1746, a qual é do teor seguinte:

«Dom João, etc. Faço saber que Manuel Pinheiro Peixoto mestre da capella em Villa Nova da Cerveira comarca de Vianna me representou por sua petição que eu fora servido fazer-lhe a mercê de réis 40\$000 de ordenado annual pagos pelos bens do Concelho e lançamento das sizas daquella villa para o supplicante nella ensinar muzica e latim e com ella assistir nas ocasiões festivas e gratuitamente nas 40 horas, Domingos do Advento, e quaresma na dita villa como tudo melhor constava das duas Provizoens insertas na certidão junta e porque o supplicante viera de fora assistir havia muitos annos para a mesma villa ensinando athé ao presente muzica e latim em excessivo trabalho e grande fruto e satisfação em as obrigações com boa satisfação e aceytação de todos e tinha hum filho legitimo que ensinava chamado Miguel Freire Barbosa o qual se achava muito capás para ensinar muzica e latim e perito no tocar de instrumentos e servia de Mestre de capella na referida villa e satisfazia promptamente a todas as mais obrigações: Pedindo-me que atendendo ao referido lhe fizesse mercê conceder-lhe a graça de que o referido Miguel Freire Barbosa seu filho ficasse daqui em diante em lugar deste e com as mes-

(1) T. do T. Chanc. de D. João v, liv. 91, p. 13.

mas obrigações servindo de Mestre de capella na dita villa e se lhe paguasse o dito ordenado annual pela mesma maneira e visto seu requerimento informação que se ouve pelo Provedor da comarca de Vianna, ouvindo aos officiaes da camara, nobreza e Povo que não tiveram duvida nem tambem o Procurador de minha coroa a que se deu vista e constar pela mesma informação ter falecido depois o supplicante fez a mesma camara nobreza e povo nomeação do dito Partido em o dito Miguel Freire Barbosa, filho do supplicante e me pedir outro sim a este fosse servido mandar-lhe passar provisão da confirmação da dita nomeação em seu nome e tendo a tudo consideração e a resposta do meu Procurador a quem tambem se deu vista e não teve duvida: Hey por bem fazer mercê ao supplicante de lhe confirmar como com effeito confirmo e hey por confirmada a nomeação que nelle fizeram os officiaes da camara, nobreza e povo deste partido na mesma forma que o dito seu Pay o tinha. Pello que mando ao Provedor da comarca lhe faça levar em conta nas que tomar do producto dos bens do concelho e cabeção das sizas cumprindo-se esta provisão como nella se conthem que se registará nos livros da camara e vallerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação do livro 2.º titulo 40 em contrario e pagou de novos direitos réis 20\$000 que se carregarão ao Thesoureiro delles a fl. 52 do Livro 3.º da sua receita e se registou o conhecimento em forma no Livro 10.º do registo Geral a fl. 251. El Rei Nosso Senhor o mandou pellos Doutores Manoel de Almeyda e Carvalho—e Manoel Gomes de Carvalho ambos do seu conselho e seus Desembargadores do Paço. Francisco Xavier da Cunha a fez em Lisboa a 16 de Janeiro de 1746 annos de feityo desta 300 réis. Gonçalo Francisco da Costa de Sotto Mayor a fez escrever.—Manuel Gomes de Carvalho, Manuel de Almeida e Carvalho. Por despacho do Desembargó do Paço de 11 de Dezembro de 1745 e pela primição da Ley de 24 de Julho de 1713 annos José Vás de Carvalho. Pagou 8\$000 réis e aos officiaes 554 réis. Lisboa 25 de Janeiro de 1746. Dom Sebastião Maldonado». (1)

c) Barcellos

Em Barcellos havia um mestre de capella, com obrigação de en-

(1) T. do T. Chanc. de D. João v, liv. 110, fl. 226.

sinar solfa e de assistir com os seus musicos ás festividades reaes, pelo que recebia o estipendio de dezaseis mil réis. O P.^o Estevão Gomes da Silva, que desempenhava o cargo, representou a el-rei que o salario era por extremo exiguo e que se lhe deviam augmentar mais sessenta mil réis. D. João v, apesar de *magnanimo*, só concedeu mais quatorze mil réis, perfazendo ao todo trinta mil. A carta, em que se fez esta mercê, é de 11 d'agosto de 1728 e acha-se concedida nos seguintes termos:

«Dom João etc. por graça de Deus Rey de Portugal etc. Faço saber que o P.^o Estevão Gomes da Silva, da villa de Barcellos, me representou por sua petição que por provisão minha estava exercendo a occupação de mestre da capella da mesma villa e seu termo ensinando solfa a toda a pessoa que nella se queria exercitar com muito zello, applicação, tendo boa muzica e instrumentos para as ocaziões que se offerecião e funcções reaes, e que sendo assim grande o trabalho, não tinha o supp.^o mais emolumentos que dezaseis mil rs. de partido que antigamente se constituhira para aquelle effeito assentados no cabeção das sizas com obrigação de cantar em todas as funcções reaes, e que aquelle ordenado era tão limitado que não chegava para pagar ós musicos o seu ordinario selario. Pedindome lhe fizesse mercê conceder ao supp.^o o partido de sessenta mil rs. alem dos dezaseis que ja tinha, e visto seu requerimento e informação que se ouve pello provedor da comarca de Vianna, ouvindo os officiaes da camara, nobreza, e povo, Hey por bem fazer merce ao supp.^o de que no lançamento das sizas da dita villa e seu termo se lancem mais quatorze mil rs. que com os dezaseis que já tem fazem trinta para partido do supp.^o, os quaes gozara com as mesmas condições com que comia os dezaseis . . . João de Mideiros Teixeira a fez em Lisboa Occidental a onze de agosto de mil setecentos vinte e oito.»

D. João v, Officios e Mercês, L.^o 76 fl 6.

(Continúa)

SOUSA VITERBO.

CIDADE DE PENAFIEL ⁽¹⁾

(Concluido do n.º 12, pag. 853, t. XI)

Muito posteriormente á morte de Egas Moniz é que se deveria construir, para lhe resguardar o tumulo, e honrar a memoria, a capella chamada *Corporal* do nome do sitio em que foi edificada. O mesmo aconteceu com os tumulos de D. Affonso Sanches e de sua mulher D. Thereza Martins, aquelle filho bastardo de el-rei D. Diniz, e fundador do convento das freiras de Santa Clara de Villa do Conde. Apesar da sua qualidade de fundador, e não obstante fallecer em 1329, epocha em que já se concedia aos soberanos, principes e outros individuos de esclarecida estirpe sepultura dentro dos templos, o seu mausoléu, e os de sua mulher e filhos foram erigidos da parte de fóra daquella igreja, mas junto della. Foi em 1526 que a abbadessa D. Isabel de Castro, querendo recolher os tumulos, sem os profanar, mandou edificar a capella, em que ao presente se vêem, abrindo-lhes porta de communicação para a igreja.

No anno de 1605 fez-se a trasladação dos dous monumentos e dos ossos de Egas Moniz e de seus filhos para a capella-mór da igreja do mosteiro do Salvador de Paço de Souza, por determinação do dom abbade do mesmo mosteiro frei Martinho Golias. Vamos transcrever o que refere a este respeito frei Leão de S. Thomaz na «Benedictina Lusitana», por julgarmos curiosa a narração, e por ser este chronista contemporaneo do successo que descreve:

«Para este effeito foi ao dito corporal (o dom abbade frei Martinho Golias) com os padres prégadores da casa, frei Bento de Lisboa, frei Graciano do Espirito Santo e frei Diogo da Ascensão, e descobrindo o monumento, que agora está na capella-mór, parecendo-lhe que nelle achasse os ossos que buscava, assim pelo titulo da sepultura *Hic jacet servus Dei Egas Moniz*, etc., como tambem pela figura que estava aberta na superficie da pedra, não achou dentro delle cousa alguma; e considerando como prudente que debaixo daquelle cenotaphio devia Egas Moniz ser sepultado, não ficou frustrado em seu pensamento, porque cavando três palmos com suas proprias mãos (tão em-

(1) Transcripto do *Commercio do Porto* de 1872.

penhado estava no descobrimento daquelles ossos), descobriu um carneiro fechado com abobada de pedra fina e bem lavrada, a qual abrindo com ferro viu que era de altura de um homem proporcionado e entrando o abbade dentro do dito carneiro achou os ossos que buscava envoltos em cal, principalmente a caveira, as canas dos braços e as das pernas, e estas eram tão grandes que com o proprio abbade ser de mui grande estatura, e das maiores desta idade, postas ellas no chão, e cotejando-as com as suas, passavam-lhe muito acima dos joelhos.

«Acharam-se tambem muitos ferros meio gastados, que mostravam ser de suas armas, e as guardas da espada. Tudo isto se poz em um panno de seda preta; e entrou logo o convento e o povo a ver esta antiguidade, que estavam esperando. E, proseguindo no descobrimento das sepulturas dos filhos, que ficavam á mão direita do tumulo do pae, achou-se outro carneiro, ainda que não tão grande, e desfazendo-o acharam dentro delle uns poucos de ossos meudos como de gente de pouca idade, com os cabellos da cabeça como fios de ouro, e alguns ferros gastados, que mostravam ser de armas e esporas. Feitas estas diligencias, sé mandaram dobrar os sinos, e abrir na capella-mór onde mettessem as sepulturas, pondo os ossos de tão illustre bemfeitor em um caixão dentro do tumulo da parte do evangelho, e os dos filhos da parte da epistola, em um sacco de panno, por não poder ser em caixão. E com os ditos ossos se metteram uns lettreiros em pergaminho, que contém de onde foram trasladados, e quando, com tudo o mais que podia servir para noticia desta antiguidade.»

Depois desta trasladação, a capella denominada «Corporal», que estava contigua ao cruzeiro da igreja, e com porta para elle, foi demolida.

Não se levou a cabo a trasladação dos dous monumentos sem prejuizo de ambos. Quando collocaram o tumulo de Egas Moniz na capella-mór da igreja puzeram ao revez a pedra em que está gravada a metade superior da inscripção. Ao arrancarem do seu lugar primitivo o monumento, que commemora a jornada do mesmo personagem á côrte de elrei de Leão, quebraram a parte superior da figura, que o representa. Este desastre foi reparado, mas veiu dar corpo ás duvidas de alguns escriptores sobre aquella jornada. As esculpturas do monumento representam inquestionavelmente uma familia em jornada.

Porém como não tem lettreiro, que declare o fim desta viagem, que poderia ser uma simples romaria a qualquer sanctuario do reino, ou do paiz visinho, o que era muito vulgar nesses tempos, vendo-se

familias inteiras, e ás vezes bem numerosas, emprehenderem jornadas longas e difficeis, sómente por impulso de devoção, ou em cumprimento de algum voto, a unica circumstancia que póde provar que o esculptor quiz representar no monumento a ida de dom Egas Moniz a Toledo com a sua familia, é ter esculpido a figura principal, e que vai caminhando na frente, com uma corda enlaçada ao pescoço. Mas desde que se partiu a parte superior dessa figura, surge naturalmente a duvida, se na primitiva já existia a corda, ou se lhe foi posta na reparação daquelle estrago pelos restauradores com a intenção de pôr o monumento em mais harmonia com a tradição, ou antes corroborando esta com aquelle.

Entretanto o chronista frei Leão de S. Thomaz, alludindo aos que teem por fabuloso aquelle feito de Moniz, parece affirmar que os referidos monumentos se conservam depois da mudança para a capella-mór da igreja taes quaes estavam antes no Corporal, dizendo: «Esta historia e feito heroico, que não faltou quem o tivesse por fabuloso, se esculpiu nos sepulcros de Egas Moniz e de seus filhos, que eu vi no dito corporal uma e muitas vezes; e parece que melhor fôra que o corporal se não desfizera, e que permanecera nelle a dita antiguidade, para que o feito em si com a vista do retrato delle ficasse eternisado na memoria dos homens.» Posto que o chronista não seja explicito, das suas palavras deprehende-se aquella affirmativa, pois que se não se referisse tacitamente ao estrago e reparação da figura, que representa Egas Moniz, não havia motivo para julgar mais auctorizado o testemunho do monumento, estando no corporal, do que depois da sua trasladação para a capella-mór.

Permaneceram os dous monumentos na capella-mór da igreja até 1741, em que foram outra vez mudados por occasião de se rebaixar o pavimento da mesma capella. Nesta mudança ainda padeceram maiores estragos, e não foi a ultima. Procedendo-se a novas obras no templo em 1784, foram trasladados pela terceira vez, ficando desde então no corpo da igreja.

Differentes escriptores teem tratado destes mui singulares e venerandos monumentos. O que tratou o assumpto com maior desenvolvimento foi o dr. Antonio de Almeida, na sua «Memoria Polemica ácerca da verdade da jornada de Egas Moniz a Toledo», impressa no tomo XI, parte I da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Naquella primorosa obra do snr. visconde de Castilho, que, sob o titulo de «Quadros historicos de Portugal», é, apesar de incompleta, um padrão de gloria para o seu auctor e um bello ornamento da lit-

teratura portugueza, veem-se duas lithographias, representando os dous monumentos em ponto grande. Estes desenhos, copiados do natural com o maior escrupulo e exactidão, deixando conhecer e apreciar devidamente o estado em que se achava no paiz a esculptura em pedra naquellas eras remotas, acompanham o quadro historico intitulado «Egas Moniz».

A igreja do mosteiro de Paço de Souza servia de parochia no tempo dos frades, cujo dom abbade apresentava o parochio com a denominação de vigario, e era sempre um religioso beneditino que exercia estas funcções. Continuou felizmente a servir de parochia depois da extineção das ordens religiosas, e a isso se deve, sem duvida, a conservação deste templo monumental, senão pelos primores da architectura e da esculptura, pelo menos como padrão historico de tão veneravel antiguidade, e como depositario das cinzas nobilissimas de um dos mais heroicos e sympathicos vultos da historia patria.

A igreja foi modernamente reparada. Celebram-se nella as ceremonias do culto com muito aceio e decencia. A povoação de que é freguezia contava, segundo o censo de 1864, 428 fogos e 1:530 habitantes.

Temo-nos alongado sobre este assumpto mais do que a principio dispuzeramos, e todavia ainda não levantaremos mão d'elle, pelo desejo de referirmos algumas noticias relativas ao mosteiro, que são curiosas, e em que seremos breves.

Nas instituições, como na vida humana, succedem-se ás epochas de florescencia e vigor periodos de frouxidão e decadencia. As instituições florescentes e vigorosas teem por apanagio as virtudes civicas. A corrupção dos costumes, que é sempre a causa da sua decadencia, converte em vicios essas virtudes. Destes axiomas, bem conhecidos, e até vulgares, offerece-nos um triste exemplo o mosteiro de Paço de Souza.

Este cenobio que, durante seculos, foi celebrado pelo rigor com que nelle era observada a austera regra de S. Bento, e que fôra tão venerado no paiz, em razão do viver exemplarissimo dos seus moradores, veio a cahir na mais vergonhosa devassidão, por effeito da relaxação da disciplina monastica. O que é singular é ter succedido este caso, que não era novo na historia das ordens religiosas em Portugal, no tempo em que a nação attingia o periodo mais brilhante do seu vigor e energia pelo influxo do patriotismo, pelo amor do trabalho, e pelos estimulos da gloria. Já se vê que fallamos do seculo XV.

Não trataremos de averiguar as causas que produziram aquelle resultado; foram differentes, sem duvida, porém uma das mais poderosamente

sas foi certamente a instituição dos abbades commendatarios, que por sua nomeação ficavam percebendo os rendimentos avultados, pertencentes ao prelado do mosteiro, e que desfructavam onde lhes aprazia.

Foram creados os cargos de abbades commendatarios para serem conferidos a pessoas seculares poderosas, com obrigação de velarem pela conservação do mosteiro, e de lhe defenderem as suas propriedades e privilegios. Deste modo se acharam famosos guerreiros feitos abbades commendatarios. O resultado foi como se mettessem o milhafre dentro do pombal.

Aquelles protectores em breve se foram apossando das propriedades monasticas, e não se contentando com o usufructo dellas, chegaram a vendel-as, como se fossem suas. Querendo cortar pela raiz tão escandaloso abuso, determinou a Igreja, que taes cargos fossem unicamente dados a individuos pertencentes ao estado ecclesiastico. Porém, logo se verificou o rifão que diz: «Feita a lei, inventada a malicia.»

Os soberanos fizeram com que seus filhos tomassem ordens de prima tonsura para serem providos nas ricas abbas das seus reinos. Os fidalgos mais chegados ao throno imitaram os soberanos; e assim houve creanças feitas abbades commendatarios, conservando esses pingues beneficios ecclesiasticos depois de casados. Debalde intentaram diversos papas prover de remedio a tão grande mal; mas o abuso aninhava-se em tão elevadas regiões e fortaleciam-n'o tão poderosos interesses, que durante seculos zombou dos esforços empregados para o extinguir. Porém, quando se começou a introduzir alguma ordem neste verdadeiro cahos, procurando salvar-se dos escolhos de Scylla, naufragaram em Charybdes.

As mais rendosas abbas das ordens monacaes eram dadas muitas vezes a cardeaes, arcebispos e bispos com o único fim de lhes acrescentarem os seus já avultados rendimentos. E em quanto assim se fartava a cubiça de alguns abbades commendatarios, que não visitavam nem curavam do que se passava nos mosteiros de que auferiam tão grandes proventos, arruinavam-se os edificios dos ditos mosteiros, por falta de meios para as obras de reconstrucção ou reparação; relaxava-se a regra monastica, e convertiam-se os claustros em lugares de dissolução.

Todavia houve abbades commendatarios, que se desempenharam com honra e zêlo das obrigações do seu cargo, reformando, quanto lhes foi possível, os edificios e costumes. Contou um destes o mosteiro de Paço de Souza, na pessoa de dom frei João Alvares. Logo depois da sua

nomeação de abbade commendatario, no anno de 1461, levado daquelle proposito, fez novas constituições para reforma dos costumes, e a muito custo obteve dos frades que, «em vez de tres canadas de vinho, que recebiam diariamente, se contentassem com canada e meia».

Guardava-se no archivo do mosteiro o documento desta composição. Via-se deste vergonhoso monumento de desmoralisação, que a embriaguez era o menor dos vicios que deslustravam a communitade deste mosteiro.

O zelo perseverante de D. Frei João Alvares, e o exemplo das virtudes que praticava, se não conseguiram completa reformação nos costumes, alcançaram, pelo menos, attenuar muito tão grande mal. Porém, fallecendo este esclarecido reformador, e não lhe seguindo as pisadas os que lhe succederam no cargo de abbade commendatario, voltou o mosteiro ao anterior estado de relaxação.

Achando-se o mosteiro de Paço de Souza em tão deploraveis circumstancias, e sendo seu abbade commendatario o cardeal infante D. Henrique, lembraram-se os jesuitas de se aproveitarem deste favoravel ensejo para se apossarem daquelle opulento mosteiro. Empenhou-se então lucta porfiosa, combatendo de um lado os jesuitas, protegidos pelo cardeal infante, e do outro lado a Ordem benedictina, que por vezes logrou ter por si o papa. E' longa a historia desta contenda, e cheia de episodios em que se alternam os escandalos com as fraudes, suggestões e artificios de todo o genero. Vamos tentar resumil-a.

Começou a companhia de Jesus por solicitar e obter do cardeal infante, na sua qualidade de abbade commendatario, os rendimentos da meza abbacial do mosteiro de Paço de Souza. Esta estreia da questão custou a vida ao bispo de Targa, D. Manuel; pois que tendo-lhe dado o cardeal infante a dita meza abbacial, e pedindo-lhe, logo em seguida, com muita instancia, que fizesse renuncia della em favor dos jesuitas, o bispo, já muito idoso e enfermo, por tal modo se apaixonou que falleceu dentro de poucos dias. Não se satisfizeram os jesuitas com a doação da meza abbacial, que os mettia de posse de mui rendosas quintas no valle do rio Souza. Passado pouco tempo pediram ao cardeal infante a meza conventual do mesmo mosteiro. Deste modo ficavam senhores do mosteiro com todas as suas propriedades, privilegios e isenções.

Foi nesta occasião que principiou a lucta entre a Ordem benedictina e a companhia de Jesus. O cardeal infante tinha um breve do papa Pio V, auctorisando-o a extinguir os mosteiros de pouca renda, que esti-

vessem em lugares ermos, e em que não houvesse esperança de reformação de costumes. Fundando-se, pois, nesta ultima clausula, annuiu aos desejos dos jesuitas, o que importava a extincção da communitade benedictina, porquanto lhe tirava todos os meios de subsistencia. A este acto de espoliação acudiram logo os religiosos do mosteiro, recorrendo aos tribunaes do reino, e enviando a Roma dous procuradores idoneos, com attestados da principal nobreza das visinhanças do mosteiro, certificando que este se achava em sitio povoado, que dispunha de avultados rendimentos, e que estava em circumstancias de ser reformado com proveito da religião, da Ordem e dos freguezes daquella parochia.

Com taes attestados, com as boas diligencias dos dous procuradores, e com a efficaz cooperação do Geral da Ordem benedictina, em Roma, o papa Gregorio XIII, que então se sentava na cadeira de S. Pedro, mostrou-se favoravel á sua pretensão, e commetteu a dous cardeaes o exame do negocio, e o julgamento da causa.

Porém, constando aos jesuitas os termos em que estava a questão perante a curia romana, e vendo-se ameaçados de a perderem, lançaram mão de um meio perfeitamente revolucionario. Empregaram taes suggestões com os religiosos do mosteiro de Paço de Souza, por um lado promettendo-lhes durante a sua vida os alimentos necessarios para viverem fóra da clausura, e por outro lado atemorizando-os com os rigores da reforma, no caso de vencerem a demanda, que os persuadiram a revogarem as procurações que tinham dado aos dous padres enviados a Roma.

Deste accordo fez-se um contracto, que foi confirmado pelo cardeal infante, e pelo bispo do Porto. A este respeito copiaremos um periodo da chronica benedictina, que comprova o que deixamos dito acerca da dissolução de costumes daquelles religiosos, ao mesmo tempo que levanta um pedacinho do véu com que quasi todos os nossos historiadores velaram o character do cardeal infante D. Henrique.

Referindo-se áquelle contracto, accrescenta frei Pedro de Chaves. . . «o que vindo á minha noticia fui fallar ao cardeal (infante D. Henrique), e disse-lhe que sua alteza não devera confirmar similhante escriptura, pois desejava a reformação dos religiosos daquelle mosteiro, e pois eu os tinha visitado, e postos em communitade por seu mandado, não era bem que tornassem a estado de perdição em que os queriam pôr. Respondeu-me que não tivesse escrupulo disso, pois se não ha-

via feito mais que tornal-os ao estado em que estavam antes, que eu os visitasse. Mas eu lhe respondi que não tinha escrupulo de cousa alguma, que visse sua alteza se o tinha.»

Logo que chegou a Roma o documento, que revogava as procu- rações, os dous cardeaes, a quem estava commettido o julgamento da causa, deram por acabada a demanda, resolvendo-a a favor dos jesui- tas, que ficaram de posse de todo o mosteiro.

Não se deu, comtudo, por vencida a ordem benedictina. Por tal arte advogou a sua justiça junto do papa, que este enviou a Portugal um breve encarregando o cardeal infante D. Henrique e o arcebispo de Braga de o informarem fielmente se o mosteiro de Paço de Souza tinha as condições, que se requeriam para ser reformado, e assim con- tinuar pertencendo á ordem benedictina, e em caso contrario, confir- mando o breve antecedente, ficasse *in solidum* para a companhia de Jesus. Por fortuna da ordem de S. Bento era arcebispo de Braga o sabio, virtuoso e integerrimo D. Frei Barthomeu dos Martyres, que, indo em pessoa visitar o mosteiro e todas as suas propriedades, infor- mou o papa de que o mesmo mosteiro, pela sua situação, grandeza do edificio, e rendas que desfructava, não só estava no caso de ser refor- mado, mas até era digno de ser cabeça da ordem neste reino. Em re- sultado de tão auctorizada informação, veio novo breve pontificio, res- tituindo o mosteiro áquella ordem monastica, e ordenando, que fosse reformado. Corria então o anno de 1578.

Os jesuitas desfructaram ainda por algum tempo os rendimentos da meza abbacial. Extinctos os abbades commendatarios, creados os abbades triennaes, e reformado o mosteiro benedictino de Paço de Souza veio mais tarde a entrar no goso pleno de todos os seus bens e prerogativas. Porém não alcançou pacificamente a posse de todas as suas propriedades. Esta restituição foi-lhe disputada palmo a palmo, e tambem encerra acções vergonhosas de sordida avareza.

Depois da extincção das ordens religiosas em o nosso paiz, o edi- ficio do mosteiro de Paço de Souza, e a sua cerca foram vendidos pelo estado, e constituem actualmente propriedade particular.

IX

O solar de Barbosa e o seu carvalho. — A distancia de uns qua- tro kilometros de Penafiel existem duas curiosas antiqualhas: o solar

de Barbosa e o seu antiquissimo carvalho. Estão situados na Honra de Barbosa, freguezia de S. Miguel de Rans.

O solar consiste, apenas, em uma torre de cantaria, coroada de ameias, e de singelissima architectura. O carvalho está reduzido, quasi exclusivamente ao seu tronco principal. Mas apezar da sua singelosa e caducidade, são ambos dignos de attenção e respeito, o primeiro como padrão de remotas éras; o segundo como venerando monumento do reino vegetal, e tambem como testemunha muda das vicissitudes de uma familia, que se entronca, na sua origem, na arvore genealogica dos nossos reis.

Deu principio ao appellido e ao solar, e nome áquella Honra, o conde D. Sancho Nunes de Barbosa, filho do conde D. Nuno de Cellanova, casado com D. Thereza Affonso, filha bastarda de el-rei D. Affonso Henriques. Conservaram os seus descendentes este solar e os importantes senhorios, que lhe andavam annexos por longos annos, vindo depois a passar a novos possuidores. Na actualidade pertencem esta casa e solar ao snr. D. Francisco Vaz Guedes de Athaide. A torre tem sido por muitas vezes reconstruida. O carvalho tem de circumferencia, em volta do tronco, uns nove metros. A pouca ramagem, que lhe resta, já mal assombra o velho colosso.

O embate das tempestades, no correr de tantos seculos, deixou quasi calva a frente deste gigante das selvas! Está cavado o tronco interiormente, offerecendo capacidade para se accommodarem ahi oito a dez pessoas. Dizem que outr'ora e ainda nos principios do seculo passado, via-se alli uma meza de pedra com assentos em torno, onde algumas vezes jogavam os senhores da Honra de Barboza. E esta circumstancia, talvez, deu motivo a dizer-se que em tempos antigos faziam-se alli as audiencias.

Concluindo este trabalho cumpre-nos agradecer ao snr. presidente da camara municipal de Penafiel alguns esclarecimentos que a nosso pedido nos prestou relativamente ao estado actual da cidade; e ao snr. Simão Rodrigues Ferreira os variados apontamentos historicos que nos enviou, e que, por chegarem tarde a nosso poder, pela maior parte, faremos uso delles em artigo especial.

I. DE VILHENA BARBOSA.

UM BENEMERITO APPELO

Carta do nosso consocio de merito sr. Visconde de Castilho
em favor da archeologia da cidade

Publicada no Diario Noticias de 16 de Março de 1910.

O Arco de Santo André

Do illustre escriptor e investigador infatigavel sr. visconde de Castilho recebemos a seguinte carta, de que muito gostosamente damos a immediata publicidade:

«Sr. redactor: Permitta-me v. que o tome para confidente da magua que sinto, ao acabar de saber que se projecta a demolição do Arco de Santo André. Oijo que é para commodidade da linha do elevador da Graça:

Nada mais benemerito do que é a Companhia que instaurou e mantém esse melhoramento dos ascensores mechanicos; os serviços que tem prestado, toda a Lisboa os reconhece e louva, certamente; mas ha considerações, que por si mesmas se impõem quando se trata de beneficios materiaes. O velho Arco de Santo André protesta em nome do passado, porque se acha intimamente ligado com a Historia de Portugal.

Não é aqui o logar de descrever a cerca d'elrei D. Fernando I, cinta de pedra levantada como por milagre desde 1373 até 1375, sendo director da construcção João d'Almada; basta lembrar que essa cerca livrou da invasão castelhana a cabeça da monarchia.

Não lhe valeu essa circumstancia; a ingratitude de successivas vereações tem vandalizado o que restava dessa coiraça de pedra; as suas portas desapareceram: a da Cruz, para a passagem da estatua equestre em 1775; a de Santo Antão, para a entrada solemne do marquez de los Balbazes em 1728; etc., etc. Resta a da Mouraria (Arco do Marquez de Alegrete), e resta a de Santo André. Esforcêmo-nos por preserva-las de total destruição. Estes padrões assim nobilitam uma cidade; são documentação preciosa dos seus feitos; melhoram a alma popular; mantem o fogo sagrado do patriotismo.

E' bem de esperar que a illustrada Companhia desista do seu proposito; e é probabilissimo que, no proprio momento em que se celebra o centenario de Alexandre Herculano, a vereação lisbonense, á frente da qual se acha um elevado espirito, um historiador emerito, um estudioso como poucos, e um mantenedor das tradições nacionaes, não consinta mais esta profanação.

Pelo lado propriamente historico haveria aqui immenso que dizer, descrevendo factos interessantes de cinco seculos. Essas considerações mereceram a algumas antigas camaras muita attenção, desde o «instrumento de diligencia» de 1509, até ao «alvará» de 1772. Tenho fé em que a camara actual escutará attenta essas tradições.

Pelo lado material, é muito de recear que a demolição do Arco vá comprometter a segurança do palacio de s. ex.^a o conde da Figueira, vivenda historica ali erguida desde o seculo xv, e um dos rarissimos exemplares que ainda nos restam das edificações nobres da vetusta Lisboa.

Confio em que, tanto a Companhia como a Camara, se compenestrem do caso, e não deem o miseravel espectáculo do desrespeito áquelle veterano sem salario, áquelle pobre Arco inoffensivo, que nada nos pede, senão que o deixemos continuar a ser o que sempre foi: testemunha calada e eloquente de glorias da cidade. Quando lá fóra tanto se venera o passado, não dê Lisboa mais uma prova de tradicional menosprezo aos seus proprios brazões.

O *Diario de Noticias* certamente advogará esta boa causa, como ha quarenta annos tem advogado tantas outras. A «Commissão dos Monumentos Nacionaes», e a «Real Associação dos Archeologos», hão de sem duvida levantar a sua voz.

Inspire-os a sombra de Herculano.

Lumiar, 14 de março de 1910.

Sou, sr. redactor, de v. etc., *Julio de Castilho.*

ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Relatorio do movimento da Bibliotheca da Associação em 1909

Senhores—Um grave accidente que accommetteu pessoa da nossa familia, causou-nos choque tão violento e vehemente dôr moral que peorou sensivelmente o estado da nossa saude, desde muito deteriorada.

Reconhecendo a impossibilidade de continuar exercendo o logar de Bibliothecario desta Associação, cargo que tivemos a honra de nos ser confiado durante dezenove annos; a falta de esperanza no restabelecimento pela persistencia da enfermidade e pela avançada idade em que nos achamos; sentindo as forças alquebradas e restringido o prazo da vida; vendo ao abandono a Bibliotheca com prejuizo da Associação e grave responsabilidade nossa, resolvemos, embora com magua e constangimento por não poder continuar prestando este pequeno serviço á Sociedade, pedir a exoneração daquelle cargo em 30 de Setembro do anno proximo passado.

Maior foi a nossa magua e mais profundo o nosso pesar, não nos ser possivel, por estes desvios que o tempo arrasta e com que frustrara os mais sinceros desejos, annuir ás instancias do nosso illustre e digno Presidente e dos nossos presados Consocios para continuar exercendo aquelle logar; instancias que mais uma vez revelam e confirmam a extrema benevolencia e favor que devemos á gentileza desta Associação que nos tem penhorado entranhavelmente e captivado a mais viva e indelevel gratidão.

Para nos substituir foi justa e acertadamente escolhido o nosso Consocio o sr. Julio Augusto Ferreira, que pela sua competencia, pelos seus conhecimentos bibliographicos, adquiridos por longo e paciente estudo; pelo provado interesse que lhe merecem os progressos e lustre desta collectividade; pela sua actividade e zelo, garante desempe-

nhar com distincção e superioridade o honroso encargo que lhe foi confiado.

Sem embargo da exoneração que nos foi concedida, cumpre-nos dar conta da nossa gerencia durante os mezes que tivemos sob nossa responsabilidade a Bibliotheca e satisfazer ao que determina o artigo 33 dos estatutos que então regiam a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Na parte principal que é dar conhecimento á Sociedade das obras adquiridas, está satisfeito o preceito do mencionado artigo; por isso que démos no Boletim da Associação noticia das publicações entradas na Bibliotheca, quer por offerta ou por compra, até á data em que pedimos a exoneração, designando a sua proveniencia, materias que as constituem e idiomas em que são tratadas; trabalho que devemos a sua terminação ao espontaneo favor do sr. Rocha Dias, que reconhecendo a impossibilidade de o continuarmos, tomou esse encargo, dando-nos mais uma prova da sua boa e dedicada amisade. Aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento a S. Ex.^a.

Pela auctoridade das corporações de que essas publicações são orgão; pela reputação scientifica ou litteraria dos nomes que as subscrevem; pelo conhecimento das obras anteriormente recebidas, e que estas a que nos referimos são na sua maioria continuação, facil será aos nossos Consocios ajuizar do seu merito e alcance; dispensando-nos de lhes fazer a apreciação e sondar com o prumo da critica o seu valor; empresa para que nos faltam os complexos conhecimentos indispensaveis para nos abalançar com exito a tão arduo como melindroso trabalho!

Entre varias obras que pela sua importancia vieram dar realce e brilho á nossa Bibliotheca, encontram-se as publicadas e offerecidas pelos nossos Consocios.

É dever de reconhecimento e apreço, de homenagem ao merito e á illustração chamar para ellas a attenção da Sociedade.

Honram essas publicações não só aos seus auctores como a Associação a que elles pertencem e provam que alem da parte collectiva que tomam nos trabalhos da Sociedade, sempre inspirados no nobre sentimento do patriotismo e na conservação dos vestigios que recordam os feitos gloriosos dos nossos maiores, individualmente se empenham em propagar conhecimentos que fecundam o espirito e dilatam o horisonte intellectual.

«Digna é esta Associação e bem merece o apoio do governo e a sympathia publica!

Archivamos os numeros IX e X do tomo XI do nosso Boletim, referentes aos mezes de Janeiro a Junho do anno findo. Tanto os seus collaboradores como a illustrada Commissão encarregada de dirigir aquella publicação merecem os nossos sinceros applausos pela competencia de que tem dado provas no desempenho do seu encargo.

Recebemos regularmente os tomos publicados do dictionario «Portugal». As despezas com a assignatura dessa obra, compra de livros e outras que fizemos, necessarias para a Bibliotheca, constam dos documentos que se acham em poder do nosso digno Thesoureiro que opportunamente os apresentará á Assembléa.

Pelo Governo geral d'Angola foram offerecidos a esta Sociedade dezeseite albuns de aspectos, vida e costumes do interior de Africa Occidental, muito curiosos e interessantes. Aqui renovamos, em nome da Associação, a expressão do nosso agradecimento e apreço por esta prova de consideração.

Tencionavamos empregar a maior parte da dotação da Bibliotheca em encadernações, especialmente das obras publicadas em fasciuculos, evitando assim a facilidade de se extraviarem; porém não nos foi possivel realizar o nosso intento em consequencia da doença que nos forçou a suspender esses e outros trabalhos que desejavamos realizar; por isso ficou limitado o numero das que se encadernaram, merecendo especial menção, entre outras, o «Archivo Historico Portuguez», 5.º e 6.º volumes; o 2.º volume da «Portugalia», uma das obras notaveis que modernamente se tem publicado entre nós; «Ornithologia d'Angola e Herpetologia d'Angola e do Congo» dois volumes muito interessantes publicados em francez, sobre aquelles ramos de zoologia, pelo distincto naturalista de saudosa memoria o sr. Conselheiro Barbosa du Bocage, offerecidos pelo Ministerio da Marinha e Ultramar quando geria a pasta daquelle Ministerio o sr. Conselheiro Augusto de Castilho, juntamente com outras obras de que demos conhecimento á Associação no relatorio da nossa gerencia do anno de 1908.

E ainda mencionaremos cinco volumes referentes a trabalhos effectuados nos Congressos de archeologia realizados em França, Belgica e Monaco nos annos de 1906 e 1907.

Nestes ultimos volumes encontram-se communicações que muito interessa conhecer e discussões de summa importancia que esclarecem

pontos controversos e revelam o incremento e propagação que tem attingido os estudos archeologicos desde o seculo XVIII em que Winkelmann os fundou em bases scientificas e determinou a sua consideravel importancia historica, hoje reconhecida e confirmada por factos incontestaveis.

Recommendamos, se nos é permittido, a leitura desses volumes á consideração desta Sociedade que especialmente se occupa de assumptos archeologicos e que conta no seu gremio altas competencias de vasta illustração e saber para lhe dar o devido apreço, e tambem concorrer com o seu contingente para illuminar as trevas mysteriosas dos seculos mais arredados, colhendo nas suas investigações novos elementos para a historia das civilisações e novos loiros para a sciencia e para o trabalho!

O trabalho é o signal distinctivo da natureza humana; um impulso da alma que o pensamento dirige e o progresso acompanha.

É manancial de riqueza; agente principal do desenvolvimento das nações, da felicidade dos povos, do progresso e aperfeiçoamento das artes que embellezam a vida;

Desenvolve, vivifica e avigora as forças physicas e intellectuaes; esclarece o espirito, dota-o de mil encantos, mil enlevos que são o privilegio, recompensa e goso daquelle que trabalha e felicidade que o ocioso jámais fruiu!

É elemento de ordem, moral e virtude; predicados que ennobrecem, elevam e realçam a dignidade do homem!

Pelo trabalho ha de esta Real Associação prosperar e perpetuar honrada e boa memoria nas paginas da sua historia.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1910.

VISCONDE DA TORRE DA MURTA.

PARECER DA COMMISSÃO REVISORA DE CONTAS

Senhores—A Commissão por vós eleita em sessão de 15 de Novembro proximo passado, examinando a convite da Direcção as con-

tas do nosso Thezoureiro relativas ao anno civil de 1909, vem hoje no desempenho da sua missão apresentar-vos o seu relatorio.

Pelos documentos de receita e despeza que lhe foram presentes e que encontrou na melhor ordem e clareza, vê-se que a receita foi de 894\$628 réis, sendo 314\$158 réis de saldo do anno antecedente e 580\$470 réis da receita deste anno e a despeza de 537\$401 réis, havendo portanto um saldo de 357\$227 réis que passa para o presente anno.

Concluimos apresentando á vossa apreciação as seguintes propostas:

- 1.º—Que sejam approvadas as contas do nosso Thezoureiro;
- 2.º—Que na acta se lhe consigne um voto de agradecimento pelos seus bons serviços e dedicação para com a nossa Associação.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1910.

A Comissão

Visconde da Torre da Murta

Eduardo Augusto da Rocha Dias

Francisco Soares O'Sulivand (relator)

ACTA N.º 45

Sessão de Assembleia Geral de 29 de Janeiro de 1910.

Presidente—Rosendo Carvalheira.

Secretarios { Gustavo de Mattos Sequeira.
João Rodrigues Fernandes.

Foi aberta a sessão ás 9 horas e dez minutos da noite, estando presentes além da mesa, os srs. Silva Leal, Arthur Lamas, Rocha Dias, Julio Ferreira, Francisco Soares O'Sulivand, José Alexandre Soares, Mena Junior, Ernesto da Silva, José Queiroz, e depois de lida a acta,

que foi aprovada, o sr. Presidente communica á Assembleia a doença do nosso presidente que o inhibia de vir presidir á sessão. Seguidamente o sr. Rocha Dias justifica a falta, por doença, do sr. Visconde da Torre da Murta, o sr. Dr. Lamas, a do sr. Conde de Sabugosa, e o signatario desta as dos srs. Adães Bermudes e D. José Pessanha.

Passa-se em seguida á leitura do expediente, que constou dos documentos seguintes.

1.º—Officio do nosso consocio, Conde de Almarjão, agradecendo á Assembleia o voto de sentimento lançado na acta da passada sessão pelo fallecimento de sua esposa.

2.º—Um officio da Direcção Geral de Instrucção, convidandò a Associação, por alguns dos seus membros, a concorrer á execução de um projecto de um monumento commemorativo da fundação da União Telegraphica em Berne; e sobre o assumpto deste officio, resolveu a assembleia, acusar-se á supra-dita direcção a recepção de tal documento, agradecendo-se ao mesmo tempo o convite.

Seguidamente o sr. Presidente dá conta á assembleia de se acharem sobre a mesa dois folhetos sobre numismatica, oferecidos pelo nosso consocio Dr. Arthur Lamas, e um outro referente á personalidade do architecto Carlos Mardel, firmado por um outro nosso consocio, o sr. Dr. Sousa Viterbo, tendo palavras de merecido louvor para ambos os presentes.

Pediui depois a palavra o sr. Julio Augusto Ferreira, sobre a troca de alguns tomos e numeros do nosso Boletim, solicitada pela Parceria Antonio Maria Pereira, declarando ser do seu parecer haver inconveniente em alguma das trocas pedidas, pelo que a assembleia, resolveu, ficasse o dito socio encarregado de ultimar a transação como melhor julgasse.

O sr. Dr. Arthur Lamas agradece em seguida as palavras elogiosas do sr. Conselheiro, com respeito á oferta dos seus folhetos e apresenta á assembleia 2 propostas de socios effectivos que ficam sobre a mesa, e que a assembleia resolve enviar á Direcção para informar conforme preceitua o estatuto.

Seguidamente o sr. Soares O'Sulivand em nome do sr. Thesoureiro Ernesto da Silva, passa á leitura das contas respectivas e a seguir o relatorio da Commissão Revisora.

Ambos os documentos são approvados.

O sr. Carvalheira, tomando depois a palavra congratula-se pelo

acrescimo do saldo positivo acusado nas contas que acabavam de dar-se, sendo de prever, em sua opinião, que o acesso possível aos terraços e a conclusão do catalogo em projecto, venham melhorar sensivelmente a nossa situação economica, tornando menos arduo ao nosso zelozo Thesoureiro o seu difficil encargo, aprovando depois a assembleia um voto de louvor ao digno Thesoureiro e á Commissão Revisora.

Seguidamente o sr. bibliothecario J. A. Ferreira lê o relatorio primorosamente elaborado pelo seu antecessor sr. Visconde da Torre da Murta, findo o qual, que foi escutado com religiosa atenção, o sr. Presidente toma a palavra, registando com pezar o facto de ser esta, ha tantos annos, a primeira vez que a sua voz auctorizada se não ouve nesta leitura e propõe seja registado na acta um voto de sentimento por esse facto, exarando-se nella tambem os nossos sentidos votos de rapidas melhoras. A assembleia, com apoiados, aprova unanimemente essa proposta que se resolveu fosse communicada a sua Ex.^a.

Tomando novamente a palavra o sr. Carvalheira, lamenta o facto da ausencia do nosso presidente, que não podendo vir por agravaimento de seus padecimentos quiz entretanto fazer-se lembrar enviando em oferta á nossa associação os dois ultimos volumes da sua monumental obra: «Os Portos Maritimos de Portugal,» o que é motivo de desvanecimento para nós e ao mesmo tempo mais uma prova de quanto pode, mesmo em annos respeitaveis e em saude combalida, o amor ao estudo e a persistencia no trabalho. Propõe pois á assembleia um voto de agradecimento e louvor que é aprovado por unanimidade.

Procede-se depois á votação por esferas das eleições para socios effectivos dos srs Afonso de Ornellas Cisneiros, Jacintho d'Andrade de Albuquerque Bettencourt, Guilherme Luiz dos Santos Ferreira e Luiz Filipe de Andrade Albuquerque de Bettencourt, dando na prova e na contraprova o mesmo resultado, isto é, a aprovação, por unanimidade de votos, daquelles senhores para socios effectivos desta Real Associação.

Ficando assim esgotada a ordem da noite, o sr. vice-presidente, servindo de presidente, refere-se mais uma vez á commemoração do centenário de Herculano, communicando á assembleia as bases do programma para os festejos, e communicando outrosim terem ficado aggregados á Grande Commissão Executiva, como representantes da nossa collectividade, os dignos socios sr. Conselheiro Adolpho Loureiro, Pre-

sidente da Assembleia Geral, D. José Pessanha, vice-presidente da Direcção e Adães Bermudes, secretario da Assembleia Geral.

Seguidamente troçaram-se impressões entre os socios presentes, acêrca da maneira como a nossa associação ha de adherir ás manifestações projectadas, dando-se um voto de confiança á Commissão Redactora do Boletim, afim desta elaborar um numero especial commemorativo do centenario, angariando a respectiva colaboração e superintendendo em tudo o que fôr necessario para a sua factura e seguidamente depois da assembleia auctorizar a conclusão do catalogo, sob a direcção do digno Bibliothecario J. A. Ferreira, foi encerrada a sessão ás 10 horas e 1 quarto da noite.

BIBLIOTHECA

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Edificio Historico do Carmo

O Secretario

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA.

ACTA N.º 46

Sessão de Assembleia Geral de 28 de Fevereiro de 1910.

Foi aberta a sessão ás nove horas e cinco minutos da noite estando presentes, além da mesa, constituida pelo sr. conselheiro Adolpho Loureiro, presidente, Mattos Sequeira e Mena Junior, secretarios, os srs. Silva Leal, José Queiroz, Victor Ribeiro, Jesuino Ganhado, Julio A. Ferreira, D. José Pessanha, Jacintho Bettencourt, Luiz A. Bettencourt, Dr. Arthur Lamas e José Alexandre Soares, e depois de lida a acta, que foi aprovada, passou-se á leitura do expediente que constou dos documentos seguintes:

1.º—Uma carta do nosso consocio sr. Ernesto da Silva pedindo desculpa da sua falta á sessão por motivos de força maior.

2.º—Um officio da Sociedade de Architectos Portuguezes, agradecendo a remessa dos documentos enviados a esta colectividade pelo commissario de Portugal ás festas commemorativas de 1911 em Roma, devolvendo com elle os originaes dos officios remetidos;

3.º—Um officio do nosso consocio Visconde da Torre da Murta

agradecendo as manifestações justissimas prestadas a sua Ex.^a pela Assembleia Geral proxima passada;

4.^o—Uma carta do nosso consocio Rodrigues Fernandes pedindo desculpa da sua falta á sessão por motivos de força maior e enviando conjuntamente uma photographia oferecida por seu intermedio a esta Associação, pelo distincto fotografo amador Jorge Abrahão de Almeida Lima. Essa fotografia que representa o monumento conhecido pela «*Memoria do Rei.*» foi muito apreciada pela assistencia, resolvendo a Assembleia agradecer-se devidamente tal oferta ao sr. Almeida Lima. A Memoria do Rei fica no kilometro 34 da estrada de Peniche a Santarem e servia de demarcação naquelle ponto aos antigos Coutos de Alcobaça, e assim se chama em virtude de ter a estatua de el-Rei D. Afonso Henriques sobre o arco, o que constitue o monumento.

5.^o—Um officio do nosso consocio sr. Pedro A. de Azevedo, pedindo a sua demissão de socio desta colectividade, tendo sobre este assumpto resolvido a Assembleia, por proposta do seu Presidente, nada se resolver sem que sua Ex.^a officiosamente possa encontrar-se com esse nosso prestante consocio afim de ver se o consegue demover desse proposito.

Finda a leitura do expediente o sr. Presidente agradece á Assembleia a bondade com que desculpam a sua falta na sessão proxima passada e as manifestações de apreço a elle feitas, propondo em seguida um voto de sentimento pelo falecimento do nosso consocio Camara Manuel o qual é aprovado pela assembleia, resolvendo esta tambem communicar-se tal manifestação á familia do extincto, e associando-se a esse voto em nome do sr. Conde de Sabugosa, presidente da Direcção, o vice-presidente sr. D. José Pessanha.

Seguidamente este nosso digno consocio e o sr. Presidente declaram que se estivessem presentes na sessão passada, ter-se-iam com muito prazer associado ás manifestações de apreço feitas ao sr. Visconde da Torre da Murta, que pelos seus serviços á Associação, pelos seus merecimentos e saber e pelo seu character dignissimo, é merecedor de todos os nossos applausos.

Depois, o sr. Conselheiro Loureiro, dá as boas vindas aos dois novos socios, os srs. Jacintho d'Andrade Bettencourt e Luiz Filipe d'Andrade Bettencourt, congratulando-se com a sua presença, depois do que estes cavalheiros pedindo a palavra agradecem as frases animadoras e elogiosas do sr. Presidente, explicando a sua entrada para

a Associação pela mão do sr. D. José Pessanha, que, fazendo-lhes ver os inconvenientes da fundação de uma nova Associação que intentavam iniciar, lhes indicou, com vantagem mutua, esta associação aonde poderiam trabalhar nos estudos da sua especialidade.

O sr. D. José Pessanha pedindo a palavra agradece aos dois novos associados, que se dedicam aos estudos heraldico-genealogicos, as suas palavras amaveis e depois o sr. Jacintho de Bettencourt, declara que os outros dois novos socios Santos Ferreira e Ornellas Cisneiros, não compareceram por lapso nos convites.

Seguidamente o sr. Victor Ribeiro oferece á associação em nome do nosso consocio Freire d'Oliveira, cuja ausencia justifica, o XVI volume da monumental obra «Elementos para a Historia do Municipio», agradecendo em seu nome a intervenção desta colectividade para que tal publicação se não interrompesse e faz seguidamente o elogio daquelle nosso prestimoso consocio, enviando para a mesa a seguinte moção:

«Esta Real Associação dos Archeologos Portuguezes conscia de que intervindo officiosamente para a continuação da publicação dos Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa, prestou um relevante serviço á cidade de Lisboa, ao Pais e aos estudos historicos portuguezes, além de manifestar um publico testemunho de apreço ao nosso illustre consocio sr. Freire de Oliveira, consigna hoje na sua acta um voto de congratulação, por se ter conseguido que as vereações municipaes, deliberassem a continuação desta obra monumental, a associar-se, com aplauso, aos elogios que a Camara Municipal, pela voz autorisadissima do seu presidente sr. Braamecamp Freire, a quem tanto devem os estudos historicos no nosso paiz, votou ao autor do precioso repositorio de documentos do Senado de Lisboa, o nosso prestante e estimado consocio sr. Freire de Oliveira.»

Admittida á discussão e approvada por aclamação, por proposta do sr. Silva Leal, resolveu a Assembleia que della se dêsse conhecimento ao interessado.

O sr. Victor Ribeiro manda em seguida para a mesa um folheto estatistico e regional, muito interessante, devido á iniciativa da Liga Nacional de Instrucção e publicado pelo Dr. Pereira Zagallo. É um curioso censo demografico muito digno de apreço.

Seguidamente o sr. Julio Ferreira, chama attenção da Assembleia para o estado ruinoso do tumulo de D. Fernando, e o signatario desta para a urgente transferencia do tumulo de Fernão Telles de Menezes

do barracão onde está, na Escola Politechnica, para local condigno dentro do mesmo edificio, transferencia esta já solicitada em tempos, resolvendo a assembleia que o nosso consocio sr. Mena Junior como conservador do museu, se encarregasse, com o zelo que lhe é proverbial, de promover officiosamente o que elle e os seus colegas julgassem necessario para a conservação do primeiro tumulo e com referencia á remoção do segundo, instar com o digno director daquelle estabelecimento de ensino, a ver se tal se consegue por esse meio.

Tendo-se retirado, incommodado e com sentimento da Assembleia o digno presidente, tomou o signatario desta a presidencia, depois do que o sr. Dr. Arthur Lamas, pedindo a palavra, declarou ir abrir-se em Bruxellas nma exposição de numismatica, da qual enviou para a mesa o respectivo projecto, pedindo á Assembleia se manifeste sobre se devemos ou não fazermo-nos representar, inscrevendo-ee a Associação para o referido congresso, acrescentando ainda que a commissão do Patronato em Portugal é constituída por elle orador e pelo nosso consocio J. Leite de Vasconcellos.

Generalisando-se na Assembleia a discussão deste assumpto, tomando parte nella os srs. Pessanha, Victor Ribeiro, Lamas e Ganhado, foi resolvido enviar tal projecto á Direcção para este corpo administrativo resolver como entender, visto a inscripção envolver uma despeza a fazer.

Nesta altura, chegou á sala das sessões o sr. vice-presidente da Assembleia Rosendo Carvalheira que tomou a presidencia, desculpando-se em seguida de ter retardado a sua comparencia em virtude de um caso de força maior e passou-se á ordem da noite qual era a da eleição de três novos socios.

Procedendo-se á votação por esferas, individual, foram esses tres cavalheiros, srs. Francisco Nogueira de Brito, Alvaro de Azeredo Leme Pinto e Mello e D. Fernando de Almeida, eleitos socios efectivos desta Real Associação por doze votos que tantos eram os socios presentes nessa ocasião por ter saído o sr. José Queiroz.

Seguidamente o sr. Carvalheira felicitando a Associação pelos novos socios eleitos, congratula-se pela presença dos srs. Jacintho e Luiz Filipe de Andrade Bettencourt, que de certo virão concorrer com os seus trabalhos para o lustre da Associação que assim a pouco e pouco se vai enriquecendo com novas adhesões. Pedem depois a palavra aquelles nossos consocios agradecendo as expressões elogiosas do

sr. Carvalheira e prometendo contribuir quanto em si pudessem para o engrandecimento desta colectividade.

O sr. vice-Presidente, em seguida communica á assembleia a marcha dos trabalhos da Comissão Executiva do Centenario, trocando-se na Assembleia entre quasi todos os socios presentes, varias impressões acêrca dessa commemoração, em seguida ás quaes foi encerrada a sessão ás 11 horas menos um quarto.

O Secretario

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA.

ACTA N.º 47

Sessão de Assembleia Geral de 21 de Março de 1910.

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite, estando presentes, alem da mesa, constituida pelo sr. Conselheiro Adolpho Loureiro, presidente, Mattos Sequeira e Mena Junior secretarios, os dignos socios srs. Alvaro de Azeredo, Leite de Vasconcellos, Luiz d'Albuquerque Bettencourt, Santos Ferreira, Jacintho d'Albuquerque Bettencourt, Francisco Nogueira de Brito, Afonso Ornellas Cisneiros, Silva Leal, Julio Augusto Ferreira e Dr. Arthur Lamas.

Depois de lida e approvada a acta da sessão anterior passou-se á leitura do expediente que constou dos documentos seguintes:

1.º—Carta, justificando a sua falta, do sr. Visconde da Torre da Murta;

2.º—Telegramma com fim identico do sr. D. Fernando de Almeida;

3.º—Officio, agradecendo a sua eleição, do novo socio sr. Francisco Nogueira de Brito; e

4.º—Bilhete justificando tambem a sua falta, do digno socio sr. Rocha Dias.

O signatario desta justifica verbalmente a falta do sr. D. José Pessanha.

Seguidamente o sr. Presidente, congratula-se com a presença de quatro novos socios, que vêem sem duvida dar novo lustre a esta cole-

atividade cooperando com os seus serviços e merecimentos no esforço commum, depois do que os srs. Dr. Alvaro de Azeredo e Santos Ferreira agradecem as elogiosas referencias do sr. presidente, compromettendo-se a trabalhar com a sua boa vontade para esse resultado, declarando o sr. Santos Ferreira que a sua entrada para a associação, que ha muito conhecia de tradição, teve por fim o desejo de conhecer mais de perto os seus trabalhos, havendo nella sobretudo duas seções que lhe merecem especial affecto, quaes são a de Heraldica e a de Epigrafia, assumptos que julga muito interessantes e sobre os quaes mais tem versado os seus estudos. Sua Ex.^a cita dois exemplares curiosos de epigrafia; uma inscripção medieval embebida na parede da igreja de Verride, que foi erradamente interpretada ha annos, attribuindo-se-lhe a significação de um padrão guerreiro, e outra inscripção existente em Evora em que regista um facto ou episodio guerreiro que a justificar-se provaria remontar a eras muito remotas a dedicação dos guerreiros aos feridos no campo de batalha. No seu entender, qualquer desses exemplares reveste excepcional interesse e importancia.

Seguidamente o sr. Presidente declara ter ouvido com prazer a interessante communicação do nosso novo consocio de quem pela sua competencia muito ha a esperar, e o sr. Nogueira de Brito aproveitando a occasião, agradece a todos o terem-no eleito para socio desta agremiação, prometendo, como maior garantia dos seus possiveis serviços, que o seu trabalho estará em harmonia com a sua boa vontade.

O novo socio sr. Ornellas Cisneiros agradece identicamente á Assembleia a sua eleição, depois do que o sr. Julio Augusto Ferreira, tendo-se então retirado, por incommodo de saude o sr. Presidente, o que a Assembleia muito sentiu, ofereceu, em nome do sr. D. Francisco de Mello e Noronha e por intermedio do sr. Visconde da Torre da Murta, um interessante trabalho daquelle senhor, sobre criticas e questões sociaes.

Entre os assistentes trocam-se então, algumas impressões sobre a nova disposição dos objectos do museu, e muito principalmente sobre a remoção do local onde se encontra do tumulo de D. Fernando que, sob a acção do tempo, se está deteriorando.

Não havendo depois mais assumptos a tratar foi encerrada a sessão ás 11 horas da noite.

O Secretario

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA.